

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE.....	12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

O sr. ministro da Fazenda pertence á infinita classe dos estadistas que não conseguiram agradar a todo o mundo, como aquelle atrapalhado moleiro de Lafontaine.

Ninguem recusava ao sr. Leopoldo de Bulhões, senador, qualidades de criterio, de calma, de amor ao estudo das questões concernentes ás finanças nacionaes; entre as rutilancias ephemerias ou realmente valiosas, entre os homens de talento fulgurante, s. ex. figurava com o suave brilho de uma luz serena e fixa, envolta numa neblina de modestia, de recato ameno que lhe valia as mais espontaneas sympathias. Era querido, era acatado como um personagem de preponderancia benefica da politica, um homem incapaz de fazer mal e muito inclinado, por feição do temperamento e dos habitos, á tolerancia, á benevolencia.

Desde, porém, que s. ex. emergiu da curul senatorial para se erguer ao pinaculo como ministro da Fazenda, despertou os azedumes da critica, as envenenadassettas da protervia e quasi todos os seus actos, incluindo os banaes despachos de expediente, suscitaram as mais severas censuras, futil má vontade, levianos juizos, passando para a ordem de um administrador atravessado nos canaes do thezouro da Republica, como uma pedra, obstruindo-lhe a franca navegação aos barcos, ás fragatas de todos os calados.

E essa má vontade, que se poderia attribuir aos interesses contrariados, se reflectia na imprensa, que passou a tratá-lo com aspereza, com teiró implacavel, chegando ao extremo de intimal-o a largar a pasta quando occorreu o famoso caso de Goyaz, rapidamente lançado ás traças do olvido.

Não se cogitou que, se o ministro fizesse questão do governo dos seus amigos politicos, se os induzisse a derramar sangue de irmãos, se os

auxiliasse com as armas do governo federal, como naquelle semelhante caso de Matto-Grosso, toda a gente gritaria que elle estava intervindo com o prestigio official; estava perpetrando toda a sorte de violencias para perpetuar a sua olygarchia, uma pallida olygarchia comparada com as outras que envergonham a Republica e merecem, todavia, todo o acatamento, todas as atenções e mesmo carinho dos homens incumbidos dos destinos da nação. Mas, como o ministro Bulhões não adoptou os meios do ministro Murinho, como preferiu fôsse a questão dirimida pelos meios pacificos e não collocou o presidente da Republica na conjuncção de sustentá-lo a todo o transe, intervindo com o seu chanfalho para cortar o nó gordio de Goyaz, perdeu o prestigio que se conquistou mais pela violencia do que com o merecimento, com a tolerancia, com a obediencia ás circumstancias.

Não ha duvida que o presidente da Republica deveria tratar com mais amor, com mais solicitude, o caso de Goyaz; não ha duvida que atirou o seu ministro ao sr. Estevão Lobo, relator de uma commissão da Camara, que não tinha nada com o peixe; mas quem errou foi o presidente, foi este quem andou mal, no intuito de ladear um caso difficil ou de lavar as mãos como aquelle Pilatos, cuja cobardia figura na historia como enorme macula: o sr. Leopoldo de Bulhões ficou muito quieto e correcto no seu papel de secretario, deixando derivar de agua abaixo a sua olygarchia infeliz, encaiporada.

O placido ministro ficou desempenhando o seu papel, procurando manter, na medida das suas forças, as tradições que o sr. Rodrigues Alves deixou na administração das finanças, uma tradição porventura pezada, accentuada por uma irreparavel tendencia para andar devagar, numa segura marcha de tartaruga, evitando as difficuldades com paciencia e deixando

que o oxydo do tempo consumisse a paciencia das partes e dos pretendentes.

Todas as excellentes qualidades desse ministro são offuscadas por um enorme defeito: s. ex. é inimigo do *avança*, tomando demasiado interesse pela sua função de guarda do dinheiro nacional, prevendo que, se lhe franqueasse os canaes, lhe abalaria a solidez dos fundos, não poderia proclamar aos quatro ventos que, apesar de atravessarmos uma crise de prodigalidades sumptuosas, o thezouro está em condições de affrontar todas as phantasias da administração, de fazer face aos dispendios com os melhoramentos que estão denunciando um auspicioso movimento de progresso, não falando na reorganisação do exercito, na reconstrucção da marinha e outros projectos encalhados na caveira de burro dos estudos transcendentales, que nunca mais se acabam, das disposições legaes que ficam no papel, como eloquentes testemunhos de boas intenções mallogradas.

* * *

Contra todos os aleives, contra todas as injustiças, contra todos os botes ferózes da protervia, fala, com o vigor de uma defeza inconcussa, a introducção do relatorio do ministro Bulhões, trabalho que merece o estudo dos competentes na materia. O ministro demonstrou ver claro na sua róta de estadista e financeiro, se bem que se manifeste meticoloso, com tendencias para os meios lentos na adopção dos remedios efficazes para a debellação de males, em vez de defrontá-los desassombradamente, com resoluta firmeza, atacando os males nas suas causas evidentes, arrancando-lhes, pelas raizes, os germens deleterios.

Na questão do papel-moeda, que é um cancro a corroer as entranhas do povo, s. ex. se mostrou conhecedor da materia, attribuindo á massa de papel com curso forçado, inconvertivel, a

preguiça do cambio na ascensão para as taxas normaes, diagnostico um tanto velho, mas absolutamente verdadeiro. S. ex. é partidario do resgate lento, gradual, de modo que empurre o cambio para cima sem abalos, sem precipitações, como aconteceu com a elevação rapida de 12 a 17 dinheiros.

Esse processo poderá ser muito seguro, muito firme, mas se nos figura um remedio que pôde durar mais do que a vida do doente. Esse processo consumirá dez annos pelo menos, senão mais, porque ninguem poderá afirmar que as condições do thezouro se mantem sempre favoraveis ao serviço da amortisação.

Seja como fôr, admittindo mesmo que a prosperidade das nossas finanças continúe em pleno desenvolvimento, não ha duvidar que o processo lento redunde em solicitude pela tranquillidade do cambio e em prejuizo da producção nacional, dos interesses que ficarão sobre a pressão dos funestos effeitos do papel-moéda durante todo o incerto periodo da conversão a passo de kagado.

Parece digno de consideração que os prejuizos resultantes da ascensão rapida do cambio são, na mesma proporção, compensados pelas vantagens de valorisação do nosso meio circulante, reflectindo-se immediatamente, com effeitos restauradores, em todo o organismo economico.

Os terriveis abalos, as perturbações assustadoras não detiveram os meios empregados para o impulso quasi repentino do cambio para cima, ultimamente realizado, impulso que sómente prejudicou por ser inesperado, por ser effeito de causas occasionaes, e não consequencia de uma systematica intervenção, perfeitamente organizada, precedida das medidas essenciaes de prevenção dos interessados para se apparelharem á perspectiva do novo regimen monetario.

O commercio, as industrias, principaes victimas da incerteza do thermometro cambial, em vez de continuarem a soffrer a oppressiva influencia do papel-moéda, teriam a certeza dos effeitos da refórma e, nesse sentido, conduziriam as suas operações, de maneira que a suppressão da causa do mal não os surprehendesse.

Quem pôde supportar os effeitos de pauperadores da molestia, readqui-

rindo a saúde em doses infinitesimae, certamente poderá defrontar, sem perigo, a reacção immediata da saúde completa.

E é por isso que nós, com immensa magua, divergimos do placido ministro, da sua timidez em atacar, resolutamente, um mal reconhecido e velho, que se tem prolongado, que se tem perpetuado graças ao criterio, ás cautelas, ás vacillações conservadoras, que são outros tantos instrumentos da rotina.

A nossa situação economica está reclamando a refórma, as energias productoras latejam impacientes nas veias do paiz, pedindo que se libertem immediatamente desse trambolho do papel-moéda inconvertivel e, se isto não se fizer neste repiquête de prosperidade, ficará para os nossos bisnetos, para os netinhos do cauteloso ministro.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Do Serro a Concordia — O castigo corporal — Marechaes preteridos no commando por Ozorio — Ozorio, poeta.

Apezar de não ser longa a marcha, cheguei ao Serro cançadissimo, com a cintura dolorida pelo pezo dos cem cartuxos embalados, e os hombros pizados pelas correias da mochilla e pela carabina, que passava, alternadamente, de um para outro. Acampámos em columna de companhias, com a frente para a campanha, na encosta de uma coxilha, que ía morrer junto á praia. A' nossa esquerda, viamos o pequeno monte, que deu nome á bella cidade platina, corôado por um forte antigo e sem importancia. Nas suas faldas, alvejava uma casaria irregular e esparsa, morada dos audazes caçateiros do porto predilecto dos pampeiros; de pequenos commerciantes que moirejavam pela vida em mesquinhas *fondas*, onde não havia cardapios, e o creado, de *boina* caída sobre os olhos e a cintura faxada de vermelho, offerencia um magro *puchero* ou um *bife a caballo* nadando em *graxa de egua*; em tavernas mal surtidas, onde sujeitos mal encarados escorropichavam, seguidas até á ultima gotta, *copitas de caña*, e em lojas de prateleiras vazias, que mais não eram que mascaras de contrabandos. Misturada com o hespanhol carregado e cheio de asperas aspirações do filho da Galliza, ouvia-se muito a lingua escuariana, da qual, dizem os bascos, Deus se serviu para fallar ao primei-

ro dos judeus. Fui sómente uma vez ao povoado do Serro. Aquelle ambiente pareceu-me demasiado carregado.

Durante os tres mezes que permanecemos acampados allí, não me lembro de ter ouvido uma unica vez o toque de formatura para exercicio. As unicas que tinhamos eram para as revistas regulamentares.

Entre os capitães mais distinctos do batalhão, estavam os dois Fonecas — Severiano e Deodoro — e sobresaía, no meio dos subalternos esperançosos, o tenente Tiburcio, que foi destacado para commandar uma força destinada a embarcar na esquadra, e figurou com honra na retomada de Corrientes, a 25 de maio e na batalha naval do Riachuelo.

As nossas rissonhas esperanças e sonhos de gloria, mais de uma vez pareceram crestar-se ao sopro das injustiças, para reverdecem de novo ao calor da juventude e ao olhar da patria, cheio de bonanças.

Um dos-nossos mais estimados camaradas, era o Santos Dias, 1º sargento da 3ª companhia, com o curso de infantaria e cavallaria, querido pela jovialidade do character, genio folgassão, ditos espirituosos, bondade de coração e poesias cheias de disparates, que fazia a alegria dos serões academicos. Entre muitos, os companheiros dessa epocha já remota, lembrar-se-ão ainda talvez da que principiava assim:

*Bem como a garça que belisca o peixe
Em um só feixe se esvoaçando á toa
Eu vejo o mundo se engolphar nos ares
Qual nos meus lares o lalir da coa.*

Esse alegre amigo, algum tempo depois de chegado ao Serro, transformou-se, vivia cabisbaixo e triste, fugia á nossa sociedade, parecendo envergonhado. De vez em quando, viamos luzir treimula no olhar maguado uma lagrima indiscreta. Pediu transferencia para o 12º de infantaria e lá se foi o bom companheiro, outr'óra tão alegre e então succumbido ao pezo de uma dôr intensa, que foi talvez a causa da sua morte, trinta e tantos annos depois, já general, em um manicomio.

Depois, soubemos que, por falta, aliás de somenos importancia, fôra ameaçado pelo capitão com a baixa de posto e cincoenta pancadas de espada de prancha.

Naquelle tempo, havia o castigo corporal legitimado pelos regulamentos que vigoravam. Hoje, ainda se castiga, mas ás escondidas, com medo da lei, que pune o superior delinquente.

Operou-se no batalhão um movimento de dispersão para os corpos de infantaria. Eu pedi e obtive, sem grande difficuldade, transferencia para o 1º regimento de artilha-

ria a cavallo, commandado interinamente pelo velho Mallet, que era então major. Faziam parte delle os tenentes João Mallet, Leite de Castro, Ignacio Gouvêa e outros. Acampava ao lado do regimento, o capitão da 3.^a bateria Hermes Ernesto da Fonseca, que respondia a conselho de guerra, por certos actos de arbitrariedade. Ouvi dizer a esse distincto official, que morreu marechal e coberto de horas pelos grandes serviços prestados á patria e conhecido pela sua intelligencia culta e bravura nos combates, que a coisa que lhe fazia mais medo era um — *porém*. Na sua vida militar, que já era longa então, elle podia considerar-se uma victima perseguida por essa terrivel conjuncção restrictiva. Dizia, sorrindo, que nas relações semestraes, que enviavam os seus commandantes, lia-se, mais de uma vez, que o capitão Hermes era um official intelligente, instruido, zeloso pelo serviço, sempre prompto, valente e mais isto e mais aquillo; *porém*, insubordinado, arbitrario, etc. Si, porém, lhe prejudicou o fatidico *porém*, foi no principio da sua carreira, porque depois ~~num~~ um regimento destes vocabulos poderia servir-lhe de obstaculo.

Passavamos a vida do acampamento sem fortes impressões. Pouco a pouco, fôram chegando batalhões de linha que estavam de guarnição em provincias mais afastadas e corpos de Voluntarios da Patria, cujo uniforme se distinguia pelo chapéo negro de feltro, com a alça levantada, onde se via o numero e o tope nacional, e por uma divisa de latão com a legenda *Voluntario da Patria*, na manga da blusa. Todos, officiaes e praças de pret, tinham esta legenda, que tornaram muito gloriosa pelos altos feitos que praticaram na cruenta guerra.

São bem raros hoje os sobreviventes dessas bellas legiões de patriotas; mas quem os viu brilhando nos campos de batalha não os pôde esquecer jámais. Pouco tempo de vida ainda vos resta, valentes companheiros. Contáe aos netos os vossos actos de bravura e legáe-lhes a honrosissima legenda, para que a guardem com orgulho como um titulo de nobreza e vos imitem, quando delles a patria precisar, honrando-vos a memoria e ufanando-se de descenderem dos grandes Voluntarios da Patria, da guerra do Paraguay.

O decreto de 1.^o de janeiro do anno de 1865 repercutira no vasto territorio do Imperio, como na França o de 11 de julho de 1792, chamando ás armas o povo para resistir á invasão, que marchava ameaçadora.

Lá, na França revolucionaria e exaltada pela palavra vibrante de Danton, a leitura do decreto se fazia após uns rufos de tambor, e a grande bandeira

negra ondeava nas torres sem flecha de Notre Dame e nas cumiadas do Hotel de Ville com o immortal letreiro:

Citoyens, la patrie est en danger.

Na minha terra, na Bahia heroica, a bandeira era a auriverde, tremulando desfraldada á frente do povo entusiasmado, que se alistava, formando batalhões ao som do hymno nacional.

No meio daquelle grande entusiasmo, grandes dôres se calaram pelas injustiças soffridas. Lembro-me de uma, porque echoou tambem na minha alma. Tinha um primo carnal, o major da Guarda Nacional João Evangelista de Castro Tanajura, moço rico, que organisou um formoso corpo de gente escolhida no sertão, vestiu-o, alimentou-o e transportou-o, á sua custa, até á capital, onde foi aquartellado afim seguir para o sul. Não pôde, porém, o mallogrado parente realisar o desejo ardente e patriótico da sua alma de bahiano, porque morreu de uma febre cerebral, causada, talvez, pela decepção amarga de ver o seu batalhão querido dado ao commando de outro. Ha sempre dessas ingratições, principalmente na politica partidaria. O ardor na minha Bahia nunca arrefeceu, e foi preciso, para cessar a grande léva, que o governo dissesse: *Não precisamos mais de voluntarios.*

Ella foi, entre todas as irmãs, a que deu mais gente para a guerra. Grande prazer sentia quando chegava algum corpo bahiano e nas suas fileiras figuravam collegas e amigos da infancia.

No meu regimento, conhecido pelo nome de *Boi de bótas*, havia alguns amigos, e a vida me era muito mais agradável do que no 1.^o batalhão. Arranchei com o Costa Mattos, e o nosso faxineiro Quintiliano nos servia admiravelmente. Era um velho soldado conductor, muito aceiado e bom, que nos fazia bons churrascos, sabia cevar muito bem o matté e limpar, como ninguem, as nossas armas e equipamento.

Eu ganhava, nesse tempo, 4950 réis por mez, sendo 2700 de soldo, 900 de terça parte de campanha e 1350 de gratificação de voluntario. A minha situação nada tinha, pois, de invejavel sob o ponto de vista pecuniario, e procurei melhorá-la.

Fazia parte do regimento um joven official, meu comprovinciano e amigo, que havia sido meu collega nas aulas do dr. Lisbôa e Xico Santos. Era o tenente Saturnino Ribeiro da Costa, ainda hoje, depois de quarenta e tantos annos de serviço de guerra e de paz, coronel commandante do 5.^o de artilharia. Precisando elle mandar mensalmente duas libras esterlinas para pessoa da sua familia na Bahia, propoz-me dar-m'as para meu pae pagal-as alli. Aceitei agradecido e, desde então, a vida correu-me menos necessitada. A primeira coisa que fiz, quando tive

a primeira mezada, foi pedir licença ao commandante e metter-me num pequeno bote, que alli chamavam *bocêta*, e ir a Montevidéo, onde me demorei até á manhã seguinte, voltando completamente arruinado.

O meu commandante, o velho Mallet, era um chefe paternal, com a sua estatura de gigante e habitos singelos. Tratava-me e aos outros cadetes como a filhos, mas mantendo sempre a maior disciplina e inspirando-nos o amor á bella profissão. Era um grande typo de soldado, que já havia figurado, com honra, como 2.^o tenente, na campanha da Cisplatina em 1827. Sempre lhe tributei muita veneração e nunca deixei de ser um dos seus maiores admiradores.

O primeiro serviço que fiz foi — *Dia ao hospital*. Arranjei um cavallo e fui levar ao outro lado do Serro os soldados que baixaram. Impressionou-me muito mal o cheiro nauseabundo que exalava aquelle nosso estabelecimento sanitario improvisado.

Haviam-no collocado num *saladero*, onde se abatia grande numero de rezes e preparava-se o xarque. Não sei porque, sempre tivemos pronunciada predilecção pelos logares insalubres para quartéis e hospitaes. Haja vista o Quartel Modelo e o Hospital Central, ambos edificados em terrenos alagadiços, sendo que o ultimo é pintado de azul, a côr que dizem ser a mais sympathica aos anophéles.

Quando voltei do *saladero*, já era tarde. Dalli a pouco, tocon trindade e formámos para a revista das seis. O regimento acampava bem no alto da Coxilha e as barracas estavam mal seguras, por falta de bôas estacas. Em março, as noites do Serro são bastante frescas. Deitei-me cedo. Alta noite, fui despertado por um rumor que parecia de trovões longinquos. A barraca começou a estremecer. Em pouco tempo, agitava-se fortemente.

O rumor approximava-se, ora semelhando um alarido de mil vózes, ora o estrepito de uma cavallada em disparada. Sentia frio e cobria-me bem com o ponche reiúno forrado de baêta vermelha. O tropel já estava perto. A barraquinha voou pelos ares e o céu estrellado luziu sobre nós.

Todas as alvas tendas voavam no espaço, como aves noctivagas levadas pelo furacão, e os brazidos dos fogões lançavam fagulhas e chispavam crepitanes. Era o pampeiro, que nos visitava pela primeira vez.

O nosso general em chefe era o marechal barão de S. Gabriel, um dos membros mais illustres dessa valente familia de soldados, cujos nomes abundaram sempre nos nossos almanacks militares, desde os primeiros aos ultimos postos — os Meuna Barreto. Vi-o apenas uma vez, quando passou pelo meu regimento, elegante e fidalgo,

montado num bellissimo cavallo, á frente de um brilhante estado-maior. Poucos dias depois, era substituído pelo brigadeiro Manoel Luiz Ozorio, nomeado commandante em chefe do exercito brasileiro em operações contra o governo do Paraguay. Quem era esse brigadeiro, havia pouco promovido e a quem o governo imperial confiava aquelle posto, o mais difficil naquelle momento historico, com preterição de quasi todo o quadro de generaes? Porque tal preferencia?

Entre outros feitos militares, que o recommendavam como official bravo até ao heroísmo, havia o da batalha de Caseros, em que desempenhou notavel papel á frente do 2º regimento de cavallaria. Não me posso furtar aqui ao desejo de transcrever, a proposito, algumas linhas de um juiz, que teve ter para nós grande valor, por ser argentino e conhecido pelo grande renome que conquistou pelo seu espirito cultissimo e patriotico.

O general d. Domingo F. Sarmiento, no livro que escreveu, com o titulo de *Vida y escritos del coronel Francisco J. Muñiz*, diz nas paginas 220 e 221:

« El general Osorio (1) obtuvo á duras penas que el general en gefe (2), centauro como ninguno, admitiese en la vanguardia que el mismo general mandaria quinientos riograndenses tan de á caballo como el mas bien plantado argentino. Cuando esa vanguardia de once mil hombres de caballeria hubo agotado la remonta de caballos para trasladarse del Rosario á Buenos Aires, fué necesario tomar potros, potrancas y yeguas chúcaras y dar á los regimientos. Uno de riograndenses parecia en la marcha una procesion de saltapericos, teniéndose tesos, y en medio de las corcobetas y corcobos de las improvisadas monturas, conservando la formacion en columna por cuatro, y las armas en sus puestos.

— ¿ Como se han portado los brasileiros? — preguntaba, sobre el campo de batalla de Caseros, el general Osorio al commandante Sarmiento, con quien se encontraba antes de la recrudescencia del fuego del Palomar.

— Perfectamente bien, general. Los muertos que he encontrado en el campo son brasileiros. »

O nosso general em chefe já tinha, pois, reputação de bravura no Rio da Prata. Havia mostrado que era inexcedível no posto de commandante de um regimento de cavallaria, o qual ainda hoje é um titulo de gloria para os que nelle serviram, como Hyppolito Lima e outros heroicos guerreiros. De bom coronel a bom general, porém, e general em chefe, a distancia é enorme, e todos perguntavam, mais cheios de esperanza do que de receios,

o que seria Ozorio como commandante do exercito. Todos sabiam que era bravo, como o mais bravo; mas não basta esta qualidade, tão vulgar no soldado brasileiro, para fazer um bom general em chefe, de cuja capacidade e altos predicados dependem as victorias do seu exercito e a honra nacional. Naquella epocha e nas condições em que se achavam os exercitos da America do Sul, não era necessaria ainda a alta sciencia de Moltke e de Oyama, para commandar um exercito relativamente pequeno, como o nosso, tendo por adversarios os generaes pouco instruidos do Paraguay. Hoje, o caso seria differente. Com os aperfeiçoamentos da guerra, um general em chefe deve ser quasi um sabio, não com o cerebro saturado de sciencias abstractas e alta philosophia, mas de grandes conhecimentos profissionaes. Quem não os tiver, deve, na hora do perigo, dar um passo á rectaguarda e deixar o logar aos mais competentes.

Diziam muitos que Ozorio era um tarimbeiro, que não tinha o curso da sua arma ao menos. Tinha a pratica da guerra e o genio. Isto bastou para dar-lhe nome immortal e muita gloria á sua patria. Si Alexandre apreendeu com Aristoteles, Julio Cezar illustrou-se com os gregos e Napoleão foi o melhor estudante de mathematica da escola de Brienne; Tamerlão e Nadir-Shah não frequentaram nenhuma academia; Coudé foi grande general aos 20 annos e Frederico, o Grande, só pôde ler, até á morte de seu pae, quando já tinha 28 annos, apenas alguns livros da litteratura franceza, sendo tão diminuta a sua cultura no regimen de despotismo cruel em que viveu, que inspirou a Macaulay o seguinte juizo: « Oliver Twist, na prisão parochial, e Smike, em Dotheboys Hall, eram *enfants gatés* comparados com esse desgraçado herdeiro presumptivo de um throno ».

O general Ozorio, além da legendaria bravura, tinha a musa facil e cultivava a poesia. O Paulo Alves, um dia, teve a idéa de requerer-lhe a sua promoção, e fel-o em verso. Obteve o seguinte despacho:

*Quem faz versos tão formosos,
Ha de ter grande talento
E ser valente. — Por isso,
Devro o requerimento.
Mas não repita,
Que sãe-se mal
Fallando em versos
Ao general.*

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Continúa)

(1) Era, então, tenente-coronel commandante do 2º regimento.

(2) General d. Justo J. de Urquiza.

SCIENCIA E INDUSTRIA

As manchas do sol — Os periodos do professor Bruckner — Os estudos de Nordman — As manchas actualmente.

Até o sol tem manchas, é um cliché muito empregado pela misericordia facil no julgamento de falhas de character, dos peccados, dos crimes dos potentados. E, na verdade, o sol glorioso e rutilo tem euormes manchas, de uma extensão phantastica comparada com o volume do nosso mesquinho planeta, manchas como essas que estão agóra no seu periodo de mais amplo desenvolvimento, desafiando a curiosidade, o estudo dos sabios de todos os observatorios do mundo.

No globo solar, com 1.400.000 kilometros de diametro, as manchas são, actualmente, tão vastas que pôdem ser vistas a olho nú através de um vidro enfumado, figurando como um ponto negro na grande massa incandescente.

Visto com o auxilio de lunetas poderosas, o rei dos astros não apresenta uniforme na luz e incandescencia a superficie, onde se distinguem granulações que a cobrem, quasi totalmente, e lhe dão o aspecto de um ponto cheio de caroços de farinha muito unidos. Essa superficie pulverulenta se mostra cheia de irregularidades, com praias mais brilhantes, chamadas *faculas*, espaços sombrios formados por um nucleo mais ou menos obscuro, encerrados por penumbras bem delimitadas, espaços a que se deu o nome de manchas.

Essas manchas não são invariaveis; mudam de fórma, de posição na superficie do astro e, verificando-lhes os aspectos successivos, chegou-se a verificar que não são impuresas, ou escorias maculando o plano luminoso, mas verdadeiras cavidades, á maneira de funil, revelando a estrutura da superficie solar através dessa especie de buraco aberto no seu envulcro.

Ellas se movem do oriente para o occidente sobre o disco luminoso, com rapidez, atravessando-o em quatorze dias e desaparecendo depois. Algumas persistem durante muito tempo, para reaparecerem quatorze dias mais tarde, fazerem segunda e terceira travessias, raramente attingindo mais de cem dias a existencia de uma mancha. Esse phenomeno fornece a prova inconcussa da rotação do sol sobre o seu eixo.

Mudando continuamente de posição, de fórma, de grandeza, existindo, no maximo, 80 a 100 dias, sendo depois substituidas por outras, as manchas são individualmente instaveis, de curta duração; mas consideradas no complexo, são notavelmente periodicas. Em alguns annos, são raras; augmentam durante quatro annos e meio, para diminuir, em seguida, durante seis

annos e trez mezes, sendo cerca de onze annos o seu periodo de frequencia: o ultimo minimo foi em 1900; attingem, agóra, o maximo do numero.

Desses dados certos sobre os periodos de actividade solar, resultaram elementos para verificar si os phenomenos meteorologicos obedeciam á mesma lei de periodicidade. Herschell foi o primeiro a empreheuder a soluçãõ do problema. Não dispondo, naquella epocha, de dados meteorologicos, elle tomou como indicador da temperatura annual, o preço do trigo na Inglaterra e concluiu de uma estatistica, entre os annos de 1550 a 1717, que as colheitas augmentavam na razão directa do numero de manchas do sol.

Essa coincidência impressionou muito os sabios; entretanto, hoje, com um systema de observações meteorologicas correctas e precisas, os resultados são muito discordantes: ora, o maximo de manchas coincide com um anno quente; ora, com um frio. E o periodo de 35 annos, assignalado pelo professor Bruckner aos phenomenos meteorologicos não é um multiplo exacto do numero onze, periodo das manchas solares.

Nordman, astronomico do observatorio de Pariz, provou, ultimamente, estudando as variações da temperatura annual das regiões equatoriaes, que os annos mais quentes eram os que coincidiam com o minimo de manchas.

Si a influencia destas sobre as variações climatericas não está bem determinada, phenomenos magneticos, as auroras boreaes, tremores de terra, a indicam de maneira incontestavel, como succede de dois annos até agóra, coincidindo com o maximo de manchas, como parece demonstrarem os frequentes abalos da crosta terrestre, em todos os pontos do planeta.

As bussolas têm denunciado tempestades magneticas, cuja intensidade coincide com o augmento do numero de manchas, sendo notavel a perturbação geral que, ha anno e meio, se observou em todas as linhas telephonicas e telegraphicas, na Europa e na America.

* * *

Aeronautica—A victoria de Santos Dumont—Julio Cezar, seu predecessor—Seu protesto contra Rénard e Krebs.

Santos Dumont acaba de realisar em Trouville uma notavel experiencia da direcção dos balões, com o seu numero 14, navegando contra o vento, descendo, subindo e voltando, a terminar essas admiraveis evoluções com precisão impeccavel, ao hangar donde partira.

Essas experiencias parece serem decisivas, e Santos Dumont chegou a tão brilhantes resultados com as modificações feitas na sua machina, dictadas pela experiencia, pelo acurado estudo da materia.

Em todo caso, quaesquer que sejam os melhoramentos de que dependa o aperfeiçoamento do systema no numero 14, não ha mais duvida que o homem póde, nesse aparelho, elevar-se aos ares e dirigil-o com absoluta segurança, resolvendo assim o ponto capital do problema da navegação aérea.

Essa victoria dá especial cunho de interesse aos trabalhos de Julio Cezar Ribeiro de Souza, cuja importancia, agóra, será beu avaliada pelos nossos leitores.

A' gentileza de um amigo, o dr. Henrique Santa Rosa, devemos a preciosa contribuição de um livro, raro no sul do Brazil, escripto em francez, no qual estão esplanadas as theorias e a descoberta de Julio Cezar. Com essa fonte de informações authenticas, podemos completar as que demos no num. 31 dos *Annaes*, de 18 de maio deste anno.

A' noticia na morte do capitão Rénard, recordamos que elle e Krebs tinham, havia 20 annos, construido um balão, copiado, quasi em todas as minucias, do de Julio Cezar, e feito com elle experiencias muito concludentes. O balão desses officiaes francezes não se vulgarisára porque fôra construido no arsenal de Meudon por conta do governo, que considerou a invenção um segredo militar da defeza nacional.

No protesto feito por Julio Cezar contra essa imitação, que constituia uma infracção de sua patente industrial obtida do governo francez, estão demonstradas com rara clareza a theoria e a descoberta, como se verá no seguinte trecho:

«O meu systema não é mais do que a applicação dos principios, acima indicados, do movimento em geral, e, particularmente, do vôo, vôo com vélas ou vôo librado, á direcção dos balões.

«O meu aérostató é, por bem dizer, uma ave invertida e, admittindo que ella seja mais leve que o ar, dou-lhe superficies de resistencia que sejam para a leveza ou força ascensional do systema, o que as azas e a cauda do passaro são para o seu pezo.

«Assim como, na ave, o pezo é sempre

proporcional ás dimensões da superficie do ponto de apoio, e tanto estas quanto o pezo são proporcionaes á mobilidade do ar, da mesma maneira a força ascensional e as dimensões da superficie de resistencia do balão do meu systema são proporcionaes entre si e a mobilidade do ar.

«Isto quer dizer que a força ascensional não póde mais ser de alguns kilogrammos, como sempre foi, sinão tal que, comprimindo e apoiando de baixo para cima os planos ou superficies de resistencia do balão contra a pressão do ar de cima para baixo, isto é, inversamente ao pezo da ave, não sómente ella apoia o balão contra o ar, mas o arrasta tambem para deante, apezar dos ventos ordinarios, como o pezo manifestamente arrasta a ave quando ella se libra ou fluctúa, o patinador quando deslisa, a pendula quando oscilla, a agua quando se torna torrente ou jacto, o ar quando, em sua quéda, se torna vento suave, brisa, furacão ou cyclone.

«O alongamento dos corpos que se devem mover por si mesmos, sendo indispensavel á uniformidade da direcção da resultante das acções do pezo, quando ella se afasta da vertical, segue-se que o balão deve ser tambem alongado, mas por este motivo essencial e não, como sempre se fez, para diminuir a resistencia do ar na sua progressão, essa diminuição surgindo como um corollario do alongamento.

«Si o centro de gravidade dos animaes estivesse atraz, si estivesse, durante o repouso, exactamente no centro do comprimento, poderia determinar *quédas ascensionaes*; o movimento se produziria tanto para traz quanto para deante, tornando-se a marcha ordinaria tanto mais penosa quanto mais estivesse o centro de gravidade collocado para traz. Por isso, foi elle collocado na parte anterior dos animaes, sendo a sua rapidez de marcha tanto maior quanto menos approximado estiver o centro de gravidade do centro do comprimento. Dahi, a necessidade de fixar o centro de força ascensional na parte anterior do balão, afastando-o mais possivel do centro de comprimento.

«Para isso, o balão deve ter, necessariamente, maior capacidade na parte anterior, maior diametro perto da prôa, numa quinta parte do comprimento e de igual diametro.

«E' este o *cachet* essencial do meu systema, é esse o traço que, ao primeiro golpe de vista, o torna inteiramente typico, inteiramente paradoxal e distincto de todos os systemas que o precederam; é, em uma palavra, o *magnnum signum* que o torna uma excepção manifesta do absurdo e da rotina geraes.»

Julio Cezar reclamava como ponto capital da sua invenção—a maior ca-

pacidade na parte anterior do seu balão em fôrma de charuto, conformação sempre cuidadosamente evitada pelos seus predecessores que experimentaram balões alongados, sendo o seu systema ainda mais original e extraordinario pela propriedade exclusiva de fazer do proprio ar um elemento constante da rapidez do apparelho.

As experiencias de Rénard e Krebs fôram feitas, em Pariz, a 9 de agosto de 1884; entretanto, Julio Cezar expuzera o seu systema em uma memoria, lida, a 27 de outubro de 1881, na *Société Française de Navigation Aérienne*, de que o capitão Rénard fôra presidente até junho de 1881, e Krebs era membro. No dia 8 de novembro de 1881, foi experimentado nos estaleiros do sr. Lachambre, *Passage des Favorites*, 24, um balão do systema Julio Cezar, com 10 metros de comprimento e 2 de diametro. A acta dessa experiencia foi assim redigida:

Les soussignés déclarent avoir vu dans les expériences du mardi 8 novembre 1881, le ballon dirigéable le *Victoria* (de dix mètres de longueur) avancer contre le vent sans aucun effort et sans le secours d'aucun propulseur. Ch. Deck, U. Vieillard, A. Reynaud, E. Goudron, A. Roulet, H. Lachambre.

As experiencias com o *Victoria* fôram repetidas em Belém do Pará a 25 de dezembro de 1881; no Rio de Janeiro, defronte da Escola Militar, a 29 de março de 1882.

A commissão do Instituto Polytechnico do Brazil, do estudo do systema Julio Cezar concluiu:

1º Que o apparelho applicado á navegação aérea, descripto pelo sr. Julio Cezar Ribeiro de Souza, na Memoria e desenhos submettidos ao Instituto, não é copia, nem imitação de algum dos systemas descriptos pelos que se occuparam seriamente de balões;

2º Que entre todas as idéas, até agóra expostas pelos *aérostatas* e *aviadores* para darem aos *aérostatos* movimento proprio, capaz de servir á sua direcção, a do sr. Ribeiro de Souza é, na opinião da commissão, a unica praticavel;

3º Que a ultima palavra sobre a realisacão e vantagem da nova theoria do sr. Julio Cezar depende de experiencias que, no caso de successo, assegurarão á nossa patria as glorias do inventor. O Instituto Polytechnico, acceitando a missão de juiz, se desempenha desse honroso encargo demonstrando ao governo imperial as vantagens em auxiliar o sr. Ribeiro de Souza, com os meios necessarios para realisar as

experiences no paiz ou no estrangeiro. *Barão de Teffé*, relator, *Alvaro Joaquim de Oliveira* e *Fabio Hortilio de Moraes Rego*.

Não é preciso mais para documentar a primazia do Brazil na conquista do ar, gloriosa campanha secular de que se destacam, em tres estadios afastados — o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o iniciador; Julio Cezar, o revolucionario contra os errados processos da rotina; Santos Dumont, aureolado pelo successo definitivo.

Amigo e companheiro de trabalho, na redacção da *Constituição* (Pará, 1880) assistimos, na mais doce intimidade espiritual, a elaboracão apaixonada do systema que foi o derradeiro sonho do homem de sciencia, do prosador, do poeta, a cuja memoria, quasi apagada ás intemperies do olvido, rendemos, no momento da victoria do glorioso Santos Dumont, esta homenagem de saudade da sua pessoa, de respeito ao seu espirito e ao seu trabalho.

D. O.

ARMADA NACIONAL

A passagem de Humaytá — Incapacidade e inercia do chefe da expedição — Insucesso nos resultados esperados.

Todas as operações navaes que seguiram e precederam Humaytá, estão, por assim dizer, fóra de alcance de uma analyse estrategica, sob o ponto de vista naval.

Limitaram-se ellas a bombardeios e passagens, auxiliando o exercito, tendo sempre as nossas guarnições revelado bastante bravura.

Dentre aquellas operações, destacam-se o apoio á passagem do exercito no Passo da Patria e as passagens de Coevas, Mercedes, Curuzú e Curupaity. Analysando-as, alguns historiadores téem apontado certos erros de conjuncto, muitos improcedentes, sobretudo os que se referem á inercia da nossa esquadra e, de resto, todos de pouca importancia.

A inactividade dos alliados, a do exercito forçando a da esquadra, as surpresas do Estero Bellaco e Tuyuty, o revéz de Curupaity, são factos que pouco interessam ao fim do nosso trabalho, que só procura analysar as duas grandes operações da esquadra, pontos culminantes do seu papel na guerra do Paraguay: Riachuelo e Humaytá.

Tanto o sr. visconde de Ouro Preto, como o sr. almirante Jaceguay estu-

contram, por vezes, pontos fracos, atacaveis. Ambos detém-se mais longamente, porém, sobre as operações e aprestos que serviram de prefacio á passagem de Humaytá, sobre essa passagem e sobre as suas consequencias.

A prolongada e irritante dissidencia entre os chefes sobre a oportunidade do forçamento de Humaytá, como complemento ao assedio do quadrilatero; Mitre de um lado, exigindo-o, julgando-o indispensavel, dizendo que o realisal-o era tão sómente, *llenar um deber*, e, de outro, o marquez de Caxias, reportando-se sempre aos conceitos do almirante Joaquim José Ignacio, que o reputava inutil e prejudicial antes da occupação, pelo exercito, de qualquer ponto, na margem, acima de Humaytá; a necessidade de dar vida, movimento a essas forças que tanto custavam á nação e que dir-se-iam paralyzadas e impotentes ante o famoso quadrilatero, paralyzacão que trazia como consequencia supposições menos cabiveis por parte do povo e a lucta quasi mesquinha que se levantava no seio da alliança; tudo isso é objecto de mais desenvolvido estudo por parte daquelles dois auctores. Depois, finalmente, a passagem.

O sr. visconde de Ouro Preto nol-a conta, como a maioria dos historiadores, não entrando em detalhes que chegam, num combate, muita vez a escapar aos proprios que nelle tomam parte; nol-a conta tal como as ordeus do dia e as partes dos dois chefes nol-a transmittiram: gloria a todos, superiormente guiados por um chefe, coberto de glorias tambem.

O sr. almirante Jaceguay esminça-a mais, conta detalhes, faz considerações sobre os que a dirigiram, sobre as condições em que foi effectuada e nol-a expõe, em summa, em todos os seus pormenores, tal como ella foi e como os que a ella assistiram ou nella tomaram parte a descreveriam e commentariam, se tivessem, como o sr. almirante Jaceguay, a coragem de trazer a publico, a par da gloria que ella proporcionou, as pequenas misérias a que deu lugar.

Documentos escriptos por certo não existem que comprovem tudo quanto diz este auctor. Quem os escreveria para o publico? Mas, quem o contestou com vantagem? A sua narrativa é perfeitamente veridica; nós, entretanto, deixaremos certos detalhes, que nos não interessam e vamos analysar a passagem de Humaytá, de um modo succinto.

A primeira pergunta que logo nos occorre é: com que fim a esquadra transpoz Humaytá?

De tudo quanto se tem dito ou escripto, parece que o objectivo que se tinha em vista, com a passagem de

quadrilatero, interceptando as communicações entre elle e Assumpção. Nem podia ser outro o fim de tal passagem.

Mas, qual a base de operações que teria essa esquadra acima de Humaytá, antes que o exercito occupasse ahí algum ponto? Não havia já a experiencia da difficuldade de communicações que, a principio, teve a divisão encouraçada depois de transposto Curupaity? Não era, pois, uma rematada tolice exigir-se tal passagem, com a precipitação com que a queria o general Mitre, illustre guerreiro, cujos feitos não sabemos porque ciosamente os guardam os nossos amigos do Prata?

Tolice tanto maior quanto quasi todas as communicações entre Humaytá e o inimigo, se faziam pelo Chaco!

Assim, após muita controversia, ficaria assentado que aquella passagem só seria tentada quando o exercito fôsse occupar um ponto acima da fortaleza, que servisse de base de operações á esquadra.

Ia, entretanto, o marquez de Caxias estendendo suas linhas de assedio, a despeito da resistencia do inimigo, que não se sujeitava passivamente ao cerco. Em principios de novembro de 67, essas linhas chegavam á margem do Rio, e o exercito alliado occupava Tagy. Já então podia ser effectuada a passagem. Porque o não foi? Não havia agua bastante no rio e os encouraçados, que então possuíamos, não eram os mais adequados a esse fim.

Esperou-se, dest'arte, a enchente do rio e esperaram-se os novos monitores que deviam chegar da capital do Imperio.

Esses monitores chegaram, por fim, e a passagem effectuou-se.

Entretanto, em data de 5 de outubro, o sr. visconde de Ouro Preto, então ministro da Marinha, já se referia á enchente do rio, que se manifestava, e que naturalmente lhe fôra communicada antecedentemente pelo almirante Inhaúma. Em officio de 27 de dezembro, novamente se refere a essa cheia, que evidentemente teria continuado a manifestar-se e que parece veio a ter sua maior intensidade a 19 de fevereiro de 1868, quando se effectuou a passagem. Não teria havido agua sufficiente antes desta data para passarem os encouraçados que nesse tempo possuíamos e que teriam, pois, uma base de operações acima de Humaytá, estando Tagy em nosso poder desde novembro do anno anterior?

Devia ter havido, porquanto na epocha das enchentes ou vasantes, não é quando já se aproxima o fim do movimento das aguas que ellas crescem ou diminuem com maior intensidade em geral. Mas, nada existe

escripto a respeito, nada se pôde affirmar, e o que é certo é que, mesmo que tivesse havido a agua necessaria aos nossos couraçados maiores, não se teria effectuado a passagem, pois se esperavam os navios que iam chegar: *Pará, Alagôas, Rio Grande*, apropriados para a operação.

Chegados esses, como já dissemos, effectuou-se a passagem, e elles, que haviam sido construidos tendo em vista unicamente o forçamento de reductos inimigos, com especialidade Humaytá, passaram essa fortaleza, atracados e abrigados pelo *Barroso, Bahía e Tamandaré*, que eram improprios a tal fim, e que receberam todo o fogo das baterias inimigas!

O chefe dessa gloriosa expedição foi o então capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho.

Que criterio dictou essa escolha? Nunca se soube.

Que papel, como chefe, representou na passagem? Nullo; e um chefe que, em qualquer operação em que sua força toma parte, representa um papel nullo, representa um máu papel. Tomou a vanguarda da força que commandava, o que, naquella, caso lhe competia fazer? Não. Esperou até que Humaytá fôsse transposta pelo par da vanguarda para então investir o passo julgado inexpugnável, tendo, emquanto aquelle par seguia gloriosamente avante, affrontando o perigo julgado insuperável, deixado o seu capitanea cair até bem proximo ao fundeadouro do grosso da nossa esquadra, e sem procurar saber do *Alagôas*, que se desprendera do costado do *Bahía*, coisa que até hoje não se pôde, ao certo, dizer porque.

E' indiscutível, analysando tudo o que existe escripto sobre essa passagem, que effectivamente foi grande de mais o intervallo entre as horas em que o *Barroso* e o *Bahía* transpuzeram Humaytá, e parece irrefutável o que affirma o sr. almirante Jaceguay sobre a simultaneidade entre o foguete lançado de bordo do *Barroso*, noticiando o successo da tentativa e o *sigá!* do almirante Inhaúma ao capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho, quando o *Bahía* viéra a approximar-se da nossa esquadra.

Esse *sigá!* não resumia mais perigo algum: o *Barroso* o provára. O chefe o cumpriu.

Mas, estamos a nos demorar, demasiadamente, sobre um ponto quasi pe-soal.

Sobre a passagem de Humaytá, o que se pôde affirmar é que foi uma operação em que mais uma vez se poz em prova a bravura e o desprendimento da vida por parte das nossas guarnições. Do conjuncto dellas, apenas duas figuras destacam-se superiormente: Arthur Silveira da Motta, que, posta á margem a hierarchia mi-

litar, foi o verdadeiro chefe da expedição, e Joaquim Antonio Cordovil Maurity, commandante do *Alagôas*, procedendo tão diversamente do capitão de mar e guerra Delfim Carlos de Carvalho, procurando sempre no seu minuscuro navio emprehender a passagem, a despeito dos signaes para retroceder, feitos pelo almirante Inhaúma.

Pôde-se mais dizer que foi uma operação realisada em más condições, porque não se comprehende uma tão longa espera por monitores apropriados a emprehender-na, para, no fim, ser realisada por navios reputados improprios a tal fim e aos quaes se amarravam aquelles, para que passassem abrigados sob as baterias, difficultando-se extraordinariamente as manobras de todos, num passo apertado e formidavelmente defendido. Foi ainda uma operação realisada em más condições pelo intervallo que houve entre as passagens, pelo pouco entusiasmo e nenhum cuidado do chefe, que contribuiu para que só com dia tivesse fim uma operação, cujo exito dependia, em grande parte, de aproveitar-se a escuridão da noite.

Correspondeu, ao menos, a passagem de Humaytá, ao objectivo que se tinha em vista com o consumal-o? Não.

A passagem de Humaytá, levada a effeito com o fim de fechar definitivamente o cerco em que as nossas forças mantinham o quadrilatero, devendo servir os navios que a realisassem para o transporte de tropa para o Chaco, afim de isolar por completo os reductos do inimigo do resto do paiz, não deu nenhum resultado pratico.

O inimigo, que, depois de abandonar Curupaity e Sauce, podia ser sitiado por linhas menos estensas do que as primitivamente necessarias, o que nos permittiria empregar parte do exercito em completar o cerco pelo Chaco, afim de impedir-lhe a fuga, objectivo facil de conseguir sobretudo se a esquadra, em vez de preoccupar-se com manifestações extemporaneas, inuteis, até Assumpção, fôsse empregada em guardar efficaçmente a linha Timbó-Humaytá; o inimigo, diziamos, concentrou-se em Humaytá e dahi, com vagar e sem risco, se foi transportando para a margem opposta, de sorte que, quando essa fortaleza, abandonada já, caiu em nosso poder todo o exercito que guarnecia o quadrilatero e que, durante cerca de dois annos, mantivera o nosso paralyzado, se havia passado para o interior do paiz, com muitos elementos para, de novo, se nos oppor por mais de um anno.

Porque não se tomou posição no Chaco, ou acima deste para impedir essa fuga?

Serão veridicas certas referencias que, desde a infancia, vimos ouvindo

a officiaes que tomaram parte na campanha, sobre uma intervenção maçónica?

O sr. almirante Jaceguay diz que a demora na conclusão da guerra foi devida a todos os generaes em chefe terem eliminado o Chaco das suas concepções estrategicas. E' crível esse erro no illustre Marquez de Caxias, que alguns biographos querem tornar possuidor dos dotes militares de Napoleão I? É, pelo menos, muito difficil de acreditar.

Compreende-se bem que nada, a não ser a existencia do erro, se possa affirmar sobre este assumpto; ou os maçons, pela sua discreção, ou os imprevisos nas operações de guerra, guardarão sempre o segredo de não ter a passagem de Humaytá correspondido ao fim proposto e não ter o Chaco entrado nas concepções estrategicas do Marquez de Caxias.

Desde que a esquadra brasileira forçou Humaytá, o curso do rio ficou dominado na parte superior, como já o estava na secção abaixo desse ponto.

O inimigo desmoralisava-se; o exercito pôde apertar o cerco; o inimigo auxiliava-o abandonando seus reductos, sendo batido em outros; as linhas de defeza do quadrilatero fôram recuando; diminuindo as de assedio; desoccupava-se uma parte do exercito, que começou a agir, internando-se mais no paiz. Por fim, o inimigo concentrou-se em Humaytá, e, como vimos, pois que nada o impedia e essa fortaleza já não tinha importancia para Lopez, antes lhe era prejudicial por inutilizar a força que a guarnecia, abandonou-a, depois de algum tempo, retirando pelo Chaco, que o nosso exercito não dominava.

Depois, foi uma série ininterrupta de pequenas derrotas. Nossa esquadra auxiliava o exercito. Vencedores sempre, entrámos em Assumpção. O dictador interna-se para as cordilheiras; nossas forças, já sob o commando do conde d'Eu, perseguem-no; vem a guerrilha e, por derradeiro, o Aquidaban.

De toda a campanha do Paraguay, porém, dois fôram — é preciso repetir — os factos culminantes nas operações da esquadra: *Riachuelo* e *Humaytá*. No primeiro, annullou-se a esquadra do dictador; no segundo, abriu-se caminho para o coração do paiz. O primeiro triumpho, devido ao genio de Barroso; o segundo, á bravura dos nossos officiaes, em geral, e á superioridade relativa dos poucos navios que a benevolencia dos governos estrangeiros e a febril actividade dos nossos arseñaes nos proporcionaram.

Dos outros feitos da esquadra difficilmente poder-se-á fazer uma analyse. Não nos occuparemos com elle e assim damos por findo esse estudo, a *vol-d'oiseau*, sobre aquellas duas victorias

em combates cujas partes descriptivas deixámos de fazer pelo muito conhecidas que são, reproduzidas, a cada anniversario, pela nossa imprensa.

(*Continúa*).

TONKLERO.

PAGINAS ESQUECIDAS

A MORTE DE CATÃO

Personagens: CATÃO, MARCO-BRUTO E JUBA

CATÃO

Meu filho! Ha poucas horas, ainda eu tinha Outro filho... Levou-m'õ a patria. Embóra! Caíu nesta hecatombe derradeira... Fiquei eu só das victimas marcadas! — Mas tu, tu és tambem meu filho... filho Da minha escolha, mais querido ainda, Que orphão te poz o crime em meu regaço!

MARCO-BRUTO

E eu hei de abandonar-te nas mãos d'elle!

JUBA

Abandona-lo! Aqui morreremos ambos Comtigo: e mais gloriosa morte...

CATÃO

Juba

Tuas obrigações são mais restrictas Que as d'elle ainda. Onde o poder supremo Se tolera n'um só, — todo lhe incumbe, E' responsavel pelo encargo inteiro Da republica. Deves-te a ella, principe; Não és teu já.

MARCO-BRUTO

Meu pae, os teus preceitos Foram, como os decretos sobérános Dos deuses, para mim sempre. Mas hoje, Não te obedeco. Eu d'aqui não saio.

JUBA

Nem eu (*Silencio consideravel: Catão medita algum tempo*).

CATÃO

Ficæ embóra: mas jurae-me Que salvareis a vida.

JUBA

Juro.

MARCO-BRUTO

Juro.

Se... — Jurarei — se... Ah! Mas tu...

CATÃO

(*Tomando-o pela mão*)

Meu filho,

Marco-Bruto, meu filho... Oh, que este nome E' de todos os nomes o mais doce! Pela vez derradeira um pae te falla. E tu não has-de ouvir as vózes d'elle! Minha extrema vontade ha-de o meu filho Desprezar de seu pae! O ultimo rogo Já feito sobre a margem do sepulchro, Has-de esquece-lo tu? Catão supplica, Pede Catão, e Bruto não o attende! Meu filho vem, recebe no teu peito O longo, o saudoso adeus da campa, Que só váe terminar na eternidade...

(*abraçando-o*)

— Este abraço de morte inda é romano, Estas mãos que te apertam não têm ferros! Meu filho, adeus! Sê virtuoso sempre. Não podes ser romano, — mas sê homem.

Roma acabou-se, resta-te a virtude. Já não tens patria, — mas tens honra ainda. Váe, apenas o estado mais tranquillo Das coisas o permitta, repousar-te Nas avitas Sabinas; deixa o mundo A Cezar, e tu vive socegado Cultivando o teu campo. Glorioso E' aquelle torrão que tantas vezes O gran'Censor c'õ as proprias mãos lavrava. Dou-t'õ em dote da filha a quem mais quero, A minha Porcia: pela antiga usança Da boa e velha Roma foi creada; Ama-a, que o vale. Eu t'a colloco e entrego, Digna esposa de Bruto. — E adeus, meus [filhos.

(*Abraçam-se todos tres*)

Recordæ-vos de um pae que vos amava, Para choral-o, não, que morreu livre; Mas para vos lembrar de seus conselhos, Para seguil-os sempre. Adeus! (*Váe a tomar a espada de sobre o abaco, e não a acha*)

Traidores!

Que fizestes!... Quereis ir entregar-me Escravo, servo com as mãos atadas, Aos algozes de Cezar, ou á infamia Peior, maior, de seu perdão? Ingratos, Vós meus filhos não sois: eu vos abjuro, Vos renego.

SCENA X

CATÃO, MARCO-BRUTO, JUBA, MANLIO

MANLIO

(*Trazendo a espada embrulhada na toga*)

Fui eu, fui eu: perdõa-me;

Não pude resistir... Cuidei... — Occulto

(*Apontando para uma porta interior*)

Vigiava d'alli... Mas já é tarde.

Meu amigo, estão já nesse atrio... Foge. Foge, ou...

CATÃO

Fugir eu! Dá-me essa espada,

(*Manlio recua: Catão alça a voz tremendamente*)

Dá-m'a.

(*Manlio entrega a espada*)

Oh Roma, oh Roma! Oh minha patria.

(*Fere-se*)

Já não ha mais que a vida — ei-la: recebe-a; Vamos, ao menos, junctos ao sepulchro...

(*Cae: tomam-no nos braços*)

MARCO-BRUTO

Meu pae!...

JUBA

Venceste, Cezar, o universo:

Não venceste, Catão. Dæc-lhe esta gloria, Iniquos deuses!

MANLIO

Expiraste, ó Roma!

* CATÃO

Amigos, estes ultimos instantes, Não m'os faças amargos. Por piedade... Essa dôr — a meus olhos — occultæ-a... Não me deis — morte... morte de — covarde...

(*Desfallece*)

MARCO-BRUTO

Oh meu pae!

(*procuram estancar-lhe o sangue*)

MANLIO

Meu amigo! Que velhice,

Que extremos dias me guardava o fado!

(*Ouve-se alarido de soldados que se approximam: tiram todos as espadas*)

JUBA

Morrámos defendendo este cadaver.

CATÃO (*Tornando a si*)

Impios! — o juramento...

SCENA XI

CATÃO, MARCO-BRUTO, MANLIO, DECIO

(*Com legionarios de Cezar*)

DECIO

Paz! Clemencia!

Paz em nome de Cezar! Honra e gloria
Ao seu nobre inimigo, ao homem grande
Que o dictador magnanimo respeita,(*Dá com os olhos em Catão*)

Ama, e... — Oh! que vejo! tu...

CATÃO (*Esforçando-se para fallar*)

Já — na...da

Tenho... que receiar... de... suas... iras...

Nem... de... seus beneficios... — Mas, amigos,

Vós traís-me! Porque... vedar-me o sangue?

Deixae-me — eu sei morrer.

(*Mette as mãos ambas na ferida, e, rasgando-a,**com o ultimo esforço exclama:*)Oh... Ro... ma! (*Expira*).

VISCONDE D'ALMEIDA GARRET.

* *

ESTATUAS DE MARMORE E ESTATUAS DE MURTA

Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de principes, verieis naquelles quadros e naquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer pela dureza e resistencia da materia; mas, depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estatua de murta é mais facil de formar pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando nella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sae um ramo que lhe atravessa os olhos, sae outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas. Eis-aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficilmente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o entendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem; mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam nella firmes e constantes, como estatuas de marmore; não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações, pelo contrario, que recebem tudo que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argu-

mentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir, mas são estatuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova fiura, e tornam á bruteza antiga e natural e a ser matto, como d'antes eram. E' necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre d'ellas, uma vez, que lhe corte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem, outra vez, que lhe cerceie o que vicejam as orelhas, para que não dêem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez, que lhe decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentildade. E só desta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se póde conservar nestas plantas rudes a fórma não natural e composta dos ramos.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

* *

ENGEITADINHA

— De que choras tu, anjinho?

— Tenho fome e tenho frio...

— E só por este caminho,

Como a ave que cahiu

Ainda implume do ninho!

A tua mãe já não vive?

— Nunca a vi em minha vida:

Andei sempre assim perdida,

Mãe certamente não tive.

— És mais feliz do que eu,

Que tive mãe e morreu.

JOÃO DE DEUS.

* *

A CARTUXA

Está o ermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas da Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de umas serras de grande altura, tão ingremes e de tanta penedia, que não achou até agóra a industria humana modo nem logar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor são uma rocha talhada, que por muitas partes váe acabando em uns penhascos agudos, os quaes, com sua natural aspereza, não só mettem espanto a quem de baixo os está olhando, mas ainda causa admiração vêr o artificio com que a natureza foi misturando o rochedo d'aquellas serras com a verdura do arvoredado, que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro é mui capaz, porém mui aspero e intratavel, assim por estar a maior parte d'elle sempre coberto de neve, como pelos ventos que ordinariamente correm, tão frios e agudos que até os animaes bravos do monte os não podem supportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, e ainda das aves não ha as menores, como rouxiões, melros,

nem outras que com sua melodia costumam alegrar e fazer doce a habitação do campo, senão algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rechedos para n'elles fabricarem seus niuhos. E posto que em todas as coisas é este logar por sua estranheza muito para vêr, todavia o mais admiravel de tudo é a serventia que Nosso Senhor ordenou que tivesse, porque, não havendo nenhuma, por estar todo em roda crespo de penedia, de fóra se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu logar a se lançar de uma a outra parte uma ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accommodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem nella quizesse entrar. Fica por baixo da ponte um valle entre estas serras, que, por ser profundissimo e não admittir os raios do sol, se faz tão escuro, que mais causa horror que gosto aos que passam por cima, ao que ajuda muito o rouco som do rio Guier, que pelo fundo váe passando, cujas ondas, quebradas na penedia, causam um rumor importuno e temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que deste logar escrevem os hisroriadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compôz, porque parece quiz Nosso Senhor formar nelle um castello roqueiro, em que estes santos se pudessem defender dos inimigos d'alma com tanta felicidade que não ficassem armas ao mundo, diabo e carne com que os inquietar.

D. BASILIO DE FARIA.

(1569-1625)

* *

A conferencia litteraria do sr. Medeiros e Albuquerque, segunda-feira ultima no Instituto, sobre o pé e a mão, dá oportunidade aos versos do poeta Simões Dias, de Portugal, intitulados *A uns pés*. Da poesia portugueza que cantou pés, o orador apenas alludiu á de João de Deus, e leu as criticas de Fernando Caldeira a *Uns pésinhos*. A proposito dessas estrophes, escreveu Camillo Castello Branco:

«A' cerca de pés, poesia tão imbrincada, tão fagueira, tão dengue, com tantos suspiros e aromas e beijos e quindins, ninguem a urdiu como este poeta.»

As quadras de Simões Dias, que se seguem, augmentam, nos que ouviram o conferencista, as deliciosas informações a respeito de pés:

A UNS PÉS

Pés como os teus, mulher, ai! não ha nada

No mundo tão gentil,

Nem miniatura alguma cinzelada

Por inclito buril!

E que são elles? duas miniaturas

Do mais extremo idéal,

Feitura sublimada entre as feitura

Do artista sem igual!

Que perfeição de pés ! que exiguidade !
São tão pequenos, são,
Que me cabiam ambos á vontade
Dentro d'uma só mão !

Mas o que eu mais estranho, o que eu mais
acho
D'admiravel emfim,
E' como tu não cáes d'elles abaixo
Sendo elles assim !

Tu sabes que eu não sei ser lisonjeiro,
Ouve o meu coração:
Se os teus pés se vendessem por dinheiro
Em publico leilão,

Que enorme somma d'oiro não viria
Cubr-te aos lindos pés !
Eras capaz d'arruinar n'um dia
Algum banqueiro inglez !

Nas o que eu mais estranho, o que eu mais
acho
D'admiravel emfim,
E' como tu não cáes d'elles abaixo
Sendo elles assim !

SIMÕES DIAS.

—
Camillo faz a estes versos a seguinte nota :

« Alguns pés de senhoras portuguezas são, em verdade, tão pequenos que podiam ter inspirado aos poetas nacionaes a idéa bonita de caberem os dois pés d'ellas em uma das mãos d'elles — o que depende do tamanho das mãos tambem, vamos lá. A hyperbole, sem duvida, é galantiuza, mas não é bem nacional. Enviou-nol'a, ha muitos annos, de Pariz, Alfredo de Musset. Dizia elle do pé de uma condessa andaluza :

*Il était si petit, qu'n enfant l'eut pu prendre
Dans sa main...*

Baudelaire tambem conhecia um pé que cabia no concavo de um pequenina mão; e Charles Diguët, no seu aljofarado livrinho *BLONDES ET BRUMES*, diz a uma das loiras :
... *Tes petits pieds, si mignons que les deux
Tiendraient dans mes cinq doigts.*

Estas senhoras eram aleijadas, se os poetas são verdadeiros.»

Foi no numero 12, ultimo do anno passado, desta revista, que o sr. Eunapio Deiró escreveu a primeira parte do seguinte artigo. O nosso collaborador, logo ás primeiras linhas, dá a razão por que só agóra entendeu completar o seu trabalho.

TIECK

Não me recordo do numero dos *Annaes*, em que escrevi a primeira parte deste artigo a respeito do poeta Tieck, que avulta, na litteratura allemã, como um dos gloriosos representantes do pensamento nacional.

Eu teria deixado no fundo do tinheiro esta segunda parte, si os *Annaes* num. 43, de 10 de agosto, não me viessem tirar da indolencia, fallando-nos do livro editado em Lisbôa e escripto pelo sr. João Ribeiro, com o titulo de *Crepusculo dos Deuses*.

A mim, me estava parecendo ser coisa extravagante tratar de uma litteratura sem cultores no Brazil; dessa

persuasão provinha tal indolencia. Recobrei, porém, coragem e ousei reatar o fio quebrado, lendo os conceitos expendidos ácerca do *Crepusculo dos Deuses*, conceitos que mostram merecer aquella litteratura, — vastissima e opulentissima manifestação da intelligencia humana, — grande apreço e estima entre nós. Dest'arte, voltei á tarefa, talvez ingrata, de continuar a colligir as notas, que havia reunido concernentes ao auctor do *Chaperon* e inexoravel vergastador de Iffland e Kotzebue, dois chefes da escola do realismo tudesco.

Os estudos da litteratura allemã são, ordinariamente, laboriosos e desagradaveis, porque poetas e escriptores não pensam, não sentem, não escrevem da mesma fórma, que os latinos, os francezes, portuguezes ou italianos e hespanhóes.

Elles pairam por sobre as nuvens; amam divagar pelos interminaveis intermundos de Epicuro. As ironias, as allegorias, as coisas phantasticas e incompreheensiveis fazem a volumosa parte de sua bagagem, ou producção litteraria. Os leitores vêem-se forçados a *atinar* com o sentido occulto de suas idéas e palavras. Não é preciso aprofundar a litteratura germanica para reconhecer que entre ella e a de outros povos, váe immensa differença. O leitor julga topetar com a fronte nas estrellas, ou descer á insondavel escuridão dos abysmos. Tudo é vago, indefinido, imaginario. Demais, as raças, que formavam os povos da antiga Germania, e cujo espirito perdura, ostentavam uma longa historia de acções heroicas, que celebravam em versos; cantavam os triumphos, as brutae orgias, em que o sangue era derramado a rôdo, e a devassidão e o horror dominavam entre os fulgores da esperança de conquistar o paraíso de um guerreiro, ao saír desta terra de peregrinação. Aquellas raças transmittiram os *cantos runicos* dos scandinavos, as narrativas dos *skaldas*, assim como a glorificação da decantada *Freya, de Vola* e do tremendo *Odin*.

A Germania sempre foi e é a patria das lendas, das balladas, dos *Nibelungen*, das epopéas, dos contos, dos sonhos, do idéalismo, emfim de todas as inspirações e mysterioso symbolismo. As raças cruzaram e fundiram-se, mas as transformações não supprimiram o genio primitivo, segundo affirmam criticos e historiadores eminentes. Eis ahi porque, nos ultimos seculos, o pensamento allemão apparece na litteratura quasi reproduzindo o passado.

Os seus poetas, ou escriptores, artistas, philosophos, historiadores, ou publicistas; todos conservam a indole, que é, por assim dizer, caracteristica da raça.

Ora é na litteratura, principalmente, que se manifesta, como a expressão da vida nacional. O symbolismo, e o mysticismo inspiram poetas, e, entre elles, devemos notar o mordaz Tieck, um dos que empregam sempre as allegorias em fórma de contos mysticos.

Outr'óra, tive paciencia de supportal-os; arrisquei-me ao perigoso labor de ler philosophos, como Kant, Fichte, Hegel. O primeiro, um profundo e sabio pensador, que bem merece a gloria que lhe laurea a frente, mas escriptor soporifero, de estylo detestavel, quasi sempre incompreheensivel. O segundo, um visionario, cheio de inopinadas inspirações geniaes e que de um phenomeno psychico teve a lembrança de fazer brotar a criação do universo. O terceiro, com as suas theses e antitheses, creou um systema de philosophia, que rarissimos leitores tomam a peito penetral-o.

Ora, si dos philosophos passarmos aos poetas, romancistas, encontraremos o mesmo espirito dominando. Será do temperamento da raça? Será da tradição? Será, segundo a theoria de Taine, da influencia do *meio*?

Não nos deteremos, esmerilhando taes questões.

Emfim, no proprio livro intitulado *Crepusculo dos Deuses*, o sr. João Ribeiro apresenta um acabado exemplar dos poetas germanicos, nesse Romeu Aquario, que passa por auctor da *Tragedia de Romulo*, tragedia que o vate da cidade allemã de Campo Verde apenas sonhou, e nunca escrevera, embóra anhelante de gloria litteraria.

Desde o tempo, em que frequentei a Academia juridica, adoptei o costume de estudar as obras, que manuseava, notando, á margem das paginas, os trechos, que me delectavam, ou me impressionavam desagradavelmente. Depois os criticava, á medida de minhas forças, confrontando-os com as passagens de auctores de outras litteraturas, que me eram um pouco familiares; de sorte que nos meus apontamentos eu formava como que um breve curso de estudo comparado. Esta especie de trabalho facilitava-me escrever qualquer artigo a respeito de certos assumptos, sem necessidade de fazer um estudo de occasião. E' com o auxilio desse trabalho, provavelmente incompleto, ou imperfeito, que escrevo sobre o genio e as obras de Tieck, tendo restolhado na vasta seára da critica e da historia litteraria.

O romantismo de Tieck não se acha no *William Lowel*, nem em *Pierre Leberechet*; dizem os criticos, porém, nos contos e nos dramas.

O conto é, a certos respeitoes, o genero que convinha perfeitamente aos romanticos; todavia, não se saíram sempre bem.

Certamente, não se exige que um conto seja no todo verdadeiro, por que todos nós, leitores, sabemos que o maravilhoso, o imaginario constituem o dominio do conto. E', porém, racional exigir-se que hajam certa unidade, com logica interior, que dêem á invenção, pelo menos, côres de realidade, revestindo-a de verosimilhança.

Demais, um conto deve ser ingenuo: ora, os românticos de certo não gostam nem se gabam de simpleza; pelo contrario, distinguem-se pela ruidosa ostentação.

Quereis um exemplo? Lembro-vos as tiradas vaporosas, o lyrismo exagerado do *Hernani*, de Victor Hugo, ou as declamações impetuosas do *Antony*, de Alexandre Dumas.

A fallar verdade, em Tieck, o conto é um accessorio; o essencial consiste nas allusões frequentes, zombeteiras e satyricas, que os adubam, como o mólho de mesa de hotel, applicado a todos os pratos. Desde então, o contador corre mais de um perigo, porque é indispensavel que seja, sem interrupção, espirituoso.

Ora, vulgarmente se costuma dizer que a industria de fabricar espirito é coisa futil e, ás vezes, ridicula: é o risivel talento do charlatão.

Tieck poz, num quadro, os contos, que elle mesmo reputava excellentes; como que converteu numa meada de conversações sob o titulo de *Phantasia*.

Alguns delles são de fórma dramatica; são os que, de principio, fôram os mais admirados e um critico observa que pôdem dar uma idéa do que era um conto romântico bem apimentado de ironias.

Entre estes contos, podemos ler o *Petit Chaperon*, que é uma tragedia de dois actos em versos burlescos. O assumpto é o seguinte:

A avó acorda num domingo pela manhã; ouve o tintinar de sinos; as arvores inclinam-se sob as lufadas dos ventos como que prestando homenagem a Deus. Ella desejava ir á igreja, porque é o visitador ecclesiastico em pessoa quem váe prégar, mas a embaraça a grande fraqueza. Entra *Petit Chaperon*, que declara estar o pae sempre de máu genio, quando soffre da gotta. Conversa, durante longo tempo, com a avó, retira-se deixando-lhe um bôlo inglez. Na floresta, encontra o caçador, que se aproveita da occasião para o lisonjear um pouco. O caçador, naturalmente, espera o lobo. Accende o cachimbo; admira como fogo pôde sair dum pedaço de pedra. O lobo explica o seu character num monologo; é um philosopho pessimista. Outr'óra, quiz servir a humanidade; entrou, como guarda, numa fazenda; porém, apenas se lhe descobriu o disfarce, não encontrou mais nenhuma sympathia, embóra, por toda

parte, todo o mundo só falle de tolerancia.

Agóra, em nada mais crê, nem mesmo na immortalidade. O que posso fazer entrar em meu corpo é o que me pertence; essa é toda a minha doutrina. Elle matará a avó; matará o *Petit Chaperon*, para vingar-se da sociedade. O cuco ainda dá ao menino o derradeiro aviso, que não escuta. A tragedia acaba pela morte do lobo; não é moral; ás vezes, é escandalosa; mas os personagens — homens e bestas — têm decididamente muito espirito.

Barbe-bleu, conto em cinco actos, tem defeito contrario: os personagens, impostores, fingem extrema seriedade. No quinto acto, o conto muda-se, subitamente, em drama pathetico!...

— Jámais, observa Wilhelm Schlegel, jámais, Tieck não escreveu nada tão inspirado a tão commovente.

Este elogio se poderia considerar uma censura.

No *Chat botté*, conto de acalantar creancinhas, a satyra litteraria absorve tudo e encolerisa-se num prologo, num epilogo e nos entreactos. E' uma metralha contra o *realismo* de Kotzebue e d'Iffland, que nos deleita por momentos e nos fatiga pela monotomia. Um critico daquela temporada, chamado Boettiger, auctor dum livro a respeito das representações d'Iffland em Weimar, é o mais vergastado. (1)

Travam-se conversações de cima do scenario com a platéa. O publico, alto e bom som, exprime a sua opinião concernente á peça que se está representando, e da qual está realmente aborrecido. Um queria que a peça fôsse moral; outro, que tivesse um *quid* de philosophia; ainda mais um terceiro quizera que contivesse mais sentimentos ternos. Estes gritam e assoviam; aquelles louvam e applaudem. Eis que apparece o poeta:

— A peça caíu — diz elle — não foi só por culpa minha.

— UM ESPECTADOR. De quem a culpa? Porque nos volta a cabeça?

— UM ADMIRADOR. Vossa peça é, sem duvida, uma theoria mystica a respeito da natureza do amor?

— O POETA. Não creio. Eu só queria fazer a experiencia de transportar-vos ás longinquas impressões de vossa infancia e ver si não tomarieis um conto pelo que é e vale.

OUTRO ESPECTADOR. Isso lá, amigo, de certo, não é tão facil como dizeis.

— O POETA. Ora! seria preciso que esquecesseis tudo o que aprendestes...

— O 1º ESPECTADOR. Só isso?

— O POETA. Tudo o que haveis lido nos jornaes; numa palavra, que voltasseis a ser creança.

Tudo isso, diz um critico, era uma brincadeira: o *Chat botté* uma zombaria, que só tinha o defeito de ser longa.

Não parece, hoje, ser outra coisa. No campo romântico, porém, não se pensaria assim. Parecia, simplesmente, que a comedia aristophanica renascera.

Tieck, acoroçoado pelos amigos, continuou a escrever, no mesmo estylo, *O principe Zerbino*, *O mundo ás avéssas*.

O principe Zerbino, ou a viagem ao paiz do bom gosto, em seis actos, representou-se, pela primeira vez, em seguida ao *Chat botté*; é, quanto ao assumpto, um amalgama entre o *Triumpho do sentimento*, de Goethe, e *O sonho duma noite*, de Shakespeare. Passa-se ahi revista geral sobre todos os generos de pedantismo e se nos mostra, como contraste, o jardim da poesia, onde devaneiam os quatro santos — Goethe, Shakespeare, Dante, Cervantès. Os jorros d'agua, os passaros, as flôres, regalam-nos com uma sonora e alegre festa.

No *Mundo ás avéssas*, Apollo é despojado por Scharamouche, o representante do racionalismo em poesia e do utilitarismo em moral.

Installou-se uma cervejaria ao sopé do Parnaso, e o Pegaso foi transformado em asno. A peça apresenta a imagem do mundo ás avéssas; começa por um epilogo e termina por um prologo. — Ah! senhores — diz o epilogo — que pensais da peça? Objectareis que não n'a vistes ainda. Mas que seria da critica, si não se devesse julgar, sinão depois de ter visto?

Tieck tinha dispendido muito espirito nos contos dramaticos e havia nelles contraído o habito de applicar a todas as sortes de assumptos a lei da ironia romântica, isto é, de não tomal-os ao serio.

Assim o provou, quando quiz tratar do verdadeiro drama.

Um manuscripto do pintor Müller caíu-lhe nas mãos, em 1797, e suggeriu-lhe a idéa da tragedia, intitulada — *A vida e a morte de Santa Genoveva*. Esta tragedia é uma série de episodios, que tem por fim pôr deante dos olhos diferentes aspectos da vida medieval. Não se duvida que Tieck acreditava haver produzido uma obra do genero *realista*, restringindo-se a um plano regular. Basta, diz elle, que um prologo e um epilogo formem uma especie de quadro movel, no qual as scenas se possam desenvolver como, em sonho, as imagens.

O prologo e o epilogo são pronunciados por S. Bonifacio, que, desde começo, se dá a conhecer por estas palavras: — Eu sou o bravo S. Bonifacio — e, depois, pede aos espectadores que escutem, com a alma contricta, uma historia dos velhos tempos, quando se apreciavam e veneravam a religião e a virtude.

Ainda reaparece no meio e no fim para supprir, por narrativas, o que

não foi figurado sobre o palco scenico. O drama segue uma marcha, ora epica, ora lyrica.

Golo emprega todos os rythmos possiveis para seduzir Santa Geneveva; esta diversidade de metrificacão é a unica variedade, de que uza na pintura de sua paixão. Um propheta desconhecido prediz a Carlos Martel a gloria futura de sua raça.

O que mais impressiona e absorve a attenção nesta peça, que pretendia ser *ingenua*, é a ausencia completa de *ingenuidade*.

Schiller escrevia a Koerner, após haver lido a *Santa Geneveva*: «Tieck tem inspiração, delicadeza, graça; mas faltam-lhe vigor e profundidade e lhe hão de faltar sempre: os Schlegel deitaram-no a perder».

Noutra carta:

«Tieck ainda tem muito que trabalhar! Infelizmente, elle crê ter já feito tudo! E' pena. Possui muito talento; não fará uunca coisa alguma perfeita. Póde-se bem disciplinar a força brutal; mas o caminho da perfeição, não o trilha, devéras, quem é vão e inconsciente».

Eis ali como os grandes litteratos, os magnificos poetas, que nós, cá de longe do fóco das sciencias e das letras, tanto admiramos, se julgam uns aos outros. O seculo que tem decorrido não deixou passar em julgado a sentença severa, injusta e cruel de Schiller, que, com Goethe, parece empunhar o sceptro da realeza litteraria na Allemanha, desde o seculo XVIII até o XIX. Mas a transformação da raça germanica, depois de 1870, é profunda, e o novo imperio, observa um critico, produzirá uma nova litteratura.

Nós, que estamos escrevendo estas paginas para os *Annaes*, affirmamos que esta nova litteratura já foi iniciada. E', porém, cedo para dizer que valor póde ter, confrontada com a dos seculos anteriores.

Não audará, todavia, acertado quem julgar a litteratura germanica exclusivamente pelo passado.

A Allemanha doutr'óra, fraccionada, retalhada e dividida, não é a mesma nação hoje unida, integra e forte.

Dessa transformação, indubitavelmente virá uma nova orientação.

Si couber no espaço e no plano dessas adaptações, como declaramos no primeiro artigo, é provavel que façamos um estudo comparativo da litteratura do passado com a do presente.

Cumpre-nos terminar esta succinta noticia a respeito do poeta Tieck, que é ainda considerado, na Allemanha, como uma das glorias de sua variada, profunda e opulenta litteratura.

Não se póde deixar de reconhecer e confessar uma coisa que todos sentem, isto é, que ha no gosto, na entonação do estylo, na escolha dos assum-

ptos, uma grande differença, que amplamente distingue as duas litteraturas — a franceza e a allemã.

A ironia franceza é fina, mordaz, mortifera, leve, seductora, que mata *doucement*, como os prazeres sensuaes, que extinguem lentamente as nossas forças e nos darão a morte.

— *Morte, morte d'amor, melhor que a vida...* — conforme exclamava o sonoro vate Bocage, num dos seus bellos sonetos.

Esta apreciação a respeito dos trabalhos litterarios de Tieck, póde indicar um dos escriptores laureados, um dos poetas notaveis na litteratura germanica. E', porém, duvidoso que a maioria dos nossos leitores sentisse viva, deliciosa e funda emoção, lendo os topicos citados, em que se aguça a decantada ironia. Provavelmente bocejando, os leitores dirão: — quanto é pezada, rude, desgraciosa, fatigante, repulsiva e brutal a ironia allemã!... A litteratura franceza é coisa bem differente; como que se familiarisa com o leitor, accorda-se com a sua indole e natura. E' por isso que exerce, não só no Brazil, mas por toda parte, uma poderosa força de propaganda e de irresistivel attracção, que opéra a conquista dos espiritos e tambem os corrompe.

Reconhecemos e muitas vezes apontamos as frivolezas dos poetas e das obras dos romancistas francezes. Rimmo-nos de certas pieguices; todavia, lemos com emoção, com viva curiosidade, o volume inteiro. Pelo contrario, não podemos, dum só folego, concluir a leitura de minguado numero de paginas dum livro allemão, ou inglez, comquanto contenha assumpto grave e seja escripto com meditação, sciencia e profundezã de intelligencia.

Cada um explicará esses phenomenos da impressão e da sensibilidade, como entender. Não negará o facto, por mais absurdo que pareça. Nem todos os escriptores allemães são Goethe, ou Herder, como, entre os inglezes, todos não são lord Macaulay, Bulwer, Lytton, Thackeray, Dickens, Disraeli, os quaes sabem aviventar a fórmula com admiravel magia da imaginação.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) *Entwicklung des Iffland'schen Spiels in vierzhn Darstellungen auf dem, etc.*

Conta actualmente o Japão 6.817 kilometros de estradas de ferro. O material rodante compõe-se de 1.427 locomotivas, 4.064 wagons de passageiros e 21.505 carros de mercadorias. As linhas são de bitola estreita de tres pés inglezes (0. m92) de largura; a velocidade dos trens é de cerca de 45 kilometros por hora.

As officinas dos *Annaes* encarregam-se de todo e qualquer trabalho typographico.

O ALMIRANTE

(46)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

Havia muito que a marquezã de Uberaba não saía do seu palacio, onde se encerrára com os seus odios reprimidos, as suas aspirações recouditas, desde o exilio da familia imperial. Pareceu-lhe interminavel o trajecto naquellas ruas immensas, ladeadas de algodoeiros bravos, começando e terminando em horisontes fechados por montanhas e curvando-se á feição do valle tortuoso, encerrado nas faldas das cordilheiras. Aquella carruagem elegante, tirada por uma bella parelha de cavallos castanhos, reluzentes como se fôram de bronze doirado, tão raro apparecia que provocava a curiosidade dos transeuntes, parados para verem, entre os coxins de setim azul, a bella figura da marquezã, recostada em languida attitude. Espiavam-na das janellas os olhos vivos das moças. Muitas cabeças se curvavam num gesto de gratidão á generosidade daquella santa senhora, cujo coração caridoso se derramára em prodigalidades beneficãs naquelles lares onde entrava como raios de um sol, alegrando as miserias mais pungeutes, alliviando as maguas igno-
radas.

— Olha a marquezã — diziam, em pequenos gritos de alegria, as creanças chamando as mães.

— Como está desfeita — murmuravam estas, em tom de lastima — Deus Nosso Senhor te dê vida e saúde. Nossa Senhora te acompanhe.

As saudações, os signaes de veneração, as benções daquella gente sincera repercutiam como vózes amigas, numa melodia consoladora, acordando saudades venturosas no coração da marquezã, a estremecer de jubilo por se sentir amada.

A carruagem seguia, ao trote largo da fogosa parelha, na direcção da praia de Botafogo. Quando deixou a zona da sua visinhança, a marquezã rememorou os dias da sua juventude, as rarissimas saídas do convento, acompanhada por uma irmã bella e moça ao lado della, os bellos olhos fechados numa morbidez ascetica para não ver o mundo com as suas iniquidades e peccados, inteiramente entregue á prece murmurada pelos labios descorados, ao passo que os dedos finos, brancos como petalas de lyrio, emergindo das amplas mangas do habito, debulhavam as contas negras de um rosario. Ella se recordava que, por vezes, um suspiro traídor, irrepresivel, explodia do seio da freira, interrompendo-lhe a reza, e que merecera suaves censuras por se debruçar com infantil curiosidade nas portinholas da carruagem.

—A principal virtude de uma menina—dizia-lhe a freira, em tom de admoestação maternal—é o recato. Os olhos peccam, minha querida, e Deus disse, no seu Evangelho, que melhor será arrancar um olho peccador que conserval-o no rosto.

E ella, muito vexada por ser apanhada em flagrante nesses horribéis delictos da curiosidade, se retraiu, baixava os olhos para não ver as coisas bonitas que iam passando, creaturas alegres, payzagem encantadora, onde divagavam, como passaros fugitivos, os seus olhos enervados nos estreitos limites do jardim do convento.

Depois de tantos mezes de encerro no seu sumptuoso palacio, as scenas da juventude lhe volviam nitidas á memoria. Todos os incidentes banaes da sua vida monotona de moça educanda perpassavam em successão infinda, como paginas de um livro, nas quaes estivessem escriptas as mesmas palavras numa repetição enfadonha até á ultima, em que havia grandes letras incompreensíveis, borradas, conservando as maculas de um pranto copioso, dessas lagrimas derramadas no momento de deixar para sempre o convento para ser lançada aos azares da vida a se lhe descortinar de repente como um scenario deslumbrante, desconhecido.

Porque não ficára no convento, naquellesanto abrigo da paz, da innocencia, iniciando a sua aprendizagem de noiva immaculada do Senhor, como lhe tinham insinuado as freiras? Porque, em vez de consumir a sua adolescencia no estudo do que era indispensavel para figurar na sociedade como moça rica, não se dedicára, desde a infancia, á conquista da felicidade eterna no céo de que o convento era o sombrio portico? Que viera ella fazer cá fóra entre os deslumbramentos de um meio que ella não comprehendia bem, allada a um homem differente do esposo entrevisto nos seus sonhos de moça, torturada pelas dôres de uma maternidade infeliz, marcando, com immensos vacuos escuros, a sua ephemera ventura de esposa, até findar de chôfre no abandono da viuvez?

Desses affectos ineffaveis que Deus não recusa ás mães pobres, ella fôra inexoravelmente privada pela fatalidade, como se fôra castigada por ter preferido a atmospherá sensual do mundo á paz divina do convento. Ella contemplára as mães felizes a lhe sorrirem numa doce expansão agradecida; vira as creanças vigorosas, as moças bellas, todas venturosas na pobreza. E pensava que Deus, o mesmo Deus das freiras, cheio de coleras, de vinganças, armado de penas terríveis, de torturas eternas, nos brazeiros do Purgatorio e do Inferno, para as mais leves faltas, era o Deus misericordioso que abençoára e permittira se fecun-

dassem os ventres daquellas esposas felizes pelo amor.

Ella estaria, dalli a pouco, na casa de Marianinha, cercada pelos filhos a brincarem, ao lado do marido, daquelle meigo Martins affectuoso, em plena expansão da paternidade triumphante, soberanamente feliz no seu lar, como um Deus entre as suas creaturas, entre os portentos que lhe affirmam a omnipotencia creadora. Pensando nesse adoravel quadro da familia do amigo, pungia-lhe o coração um dardo de remorso. Tinha impetos de voltar para cair de joelhos junto dos pequeninos tumulos dos filhos, abandonados á sombra da voluptuosa ramaria das jaqueiras, e alli ficar no extase da sua dôr, até se lhe evaporar a alma inconsolada.

A carruagem descia a praia de Botafogo, e a marquezia foi despertada do seu maguado scismar pela briza humida, agitando, em pequeninas ondas inquietas, as aguas da bahia; penetrou a rua senador Vergueiro, onde ella lançou um saudoso olhar á casa de Cotegipe, o amigo do marquez, o estadista prophético que, durante tantos annos, fôra o fóco intellectual das forças dirigentes da nação; chegou ao largo do Machado, onde se concentrava o movimento das grandes ruas alli cruzadas. Foi preciso moderar o passo dos cavallos para evitar a agglomeração de transeuntes, de pessoas paradas á espera dos bondes das trez grandes linhas, confluentes naquelle sitio, para formarem a grande arteria do Catette até o centro da cidade.

No extraordinario movimento de vehiculos, de pessoas, nada havia de anormal: tinha o mesmo aspecto da faina diaria de outros tempos, não apresentava nenhum vestigio da violenta transformação das instituições, nenhum signal da magua que a marquezia suppuzera encontrar nas maneiras, no semblante daquelle povo privado, subitamente, do seu magnanimo chefe, do seu imperador. Tudo se movia nessa variegada harmonia dos contrastes, das funcções apparentemente antagonicas e multiplas da vida de um grande povo, concentrado na cidade immensa, como se não faltasse a peça essencial do propulsor do organismo social, onde já se não divisavam os vestigios funestos da revolução.

Pouco depois, o *coupe* parou ao portão de uma chacara da rua das Laranjeiras. Os filhos de Marianinha, que brincavam no jardim, fôram correndo, aos gritos, nuna alegria louca, chamar a mãe, e volveram a rodear a marquezia, a abraçal-a e beijal-a.

— Por isso é que o dia está tão bonito!—exclamou Marianinha, descendo a escada de marmore do terraço.

— Ai, minha querida—disse a marquezia, beijando com ardor a venturosa amiga—tu bem sabes que não

tenho saído: a tua é a minha primeira visita. Não fui mesmo a casa de Eugenia, que fica no meu bairro. Olha a Guilé! como está bonita e crescida a minha afilhadinha! Lembravas-te de mim, meu amor? Queres muito bem á Dindinha? Vem cá, dá-me um grande abraço, um abraço bem apertado. Assim. Depois, um beijinho.

A menina sorria, animando com as mãosinhas delicadas as faces da madrinha, que a sustinha nos braços, enlevada naquelle carinho angelico, havia muito não sentido.

— Como és feliz, Marianinha—murmurava ella, depondo a afilhadinha no primeiro degráu da escada—Tú és uma creatura abençoada. Como váe o compadre?

— Está no fundo da chacara trabalhando nas orchidéas, na sua mania incuravel. Váe chamar papae, Guilé!

E todas as creanças, apenas cinco da prole, porque as outras estavam estudando, correram chamando o pae em alta voz.

— Que ha de novo—inquiriu Marianinha, tanto que se achou na sala de jantar com a comadre.

— Nada. Eu necessitava sair do meu encerro, onde os longos dias de solidão me atrophiam os nervos. Além dos dias de recepção e dos amigos que conheces, quasi ninguem mais me procura. Parece que téem medo da minha casa, que evitam relações com uma pessoa suspeita... Como não seria assim, minha querida, se todos adheriram, até a Eugenia, até o conselheiro, coitado, obrigado pelas contingencias da familia...

— Bem andamos eu e o Martins que não queremos saber de politica.

— Tem razão. Mas isso depende do temperamento, dos habitos, da educação. Imagina que toda a tua vida, todos os teus affectos estivessem presos a uma idéa, a uma aspiração dependente da maneira de conduzir os negocios do Estado, a administração publica: em taes condições, tu serias forçada a pensar na politica, a agir dentro dos seus elementos, a promover, por todos os meios, a realisação daquillo que anhelasses. Eu bem sei que os processos são odiosos nas suas minucias detestaveis e, ás vezes, deprimentes; bem sei que, da intimidade com os homens que os applicam, resultam supremos desgostos, desillusões que magôam as almas puras, que lhe esmorecem a fé na dignidade humana, nas virtudes civicas, mas, que queres? é indispensavel nos aproximarmos dessa miseria, desse inimigo repugnante para combatel-o. Demais, não se vive sem um idéal. Tu tens o da familia, o futuro de teus filhos, a ventura do teu casal, e eu?

(Continúa).

O SR. LÉON BOLLACK inseriu na *Revue*, de Paris, um excellento artigo, que achamos interessante traduzir, sobre a *semana de cinco dias*, ou *quintada*, néologismo proposto para exprimir um periodo de cinco dias, que deve substituir, na organização futura da sociedade, as fórmulas, já conhecidas, da semana ou década.

A SEMANA DE CINCO DIAS

Os textos legislativos que, de accordo com o costume observado em quasi todos os paizes cultos, estabeleceram o repouso dominical ou o repouso alternativo, se inspiraram no sentimento originado da fé religiosa: Jehovah, tendo fabricado o mundo em seis dias, repousou no setimo; o homem, creado á sua imagem, não poderia deixar de imitar o seu creador.

Deve-se tambem observar que todas as prescripções religiosas fôram determinadas por sabias considerações de hygiene. Os padres, sagazes observadores e conductores d'almas, reconheceram indispensavel uma tregua depois de um certo periodo de actividade.

Mas essas tradições, observadas do ponto de vista do complexo da humanidade, não são universaes. Os judeus, praticantes sempre, observaram o repouso no sabbat; os musulmanos não trabalham na sexta-feira; os buddhistas e os discipulos de Brahma, de Confucio, não téem dia determinado de repouso; trabalham incessantemente até se extenuarem de fadiga, não respeitando mesmo, de maneira absoluta, o verdadeiro repouso indicado pela natureza — o somno durante a noite.

Assim procedem os noctambulos das grandes cidades civilisadas, transgredindo, em parte, as condições hygienicas da vida, prolongando as vigílias em noites passadas no theatro, nos divertimentos ou em logares de supposto gozo.

* * *

O periodo de sete dias foi, sem duvida, primitivamente escolhido por causa da variedade de physionomia do nosso satellite, a Lua, mostrando-nos os seus differentes quartos. O mez lunar poderia ter a sua razão de ser; a semana, porém, é uma divisão do tempo puramente arbitraria, que deve ser modificada ou radicalmente transformada.

Uma primeira tentativa, nesse sentido, foi esboçada, em França, com a criação do kalendario republicano de 1793: a década, que pôde funcionar durante alguns annos; mas a tendencia para a unificação universal dos costumes inutilisou essa refôrma isolada e muito imperfeita da divisão do

anno, innovação contraria á lei do menor esforço, senhora soberana da evolução humana.

* *

Na realidade, sómente duas indicações scientificas da medida do tempo são exactas: o dia, indicando a duração de alternativa de sombra e luz no intervallo de tempo da rotação da Terra; o anno, ou o periodo de revolução do nosso Globo em torno do Sol.

Poder-se-ia tambem adoptar, como terceiro elemento de comparação, o mez lunar, o periodo de revolução do satellite em torno da Terra; mas essa indicação não foi computada na ridicula maneira actual de dividir o anno em mezes de 30, de 31 dias, com o de fevereiro, periódicamente diminuido a 28 ou 29 dias.

Seria mais simples dividir racionalmente o anno de 365 dias em periodos de cinco dias, ou em 73 intervallos denominados *quintadas*, e começar o anno no equinoxio da primavera, sendo supprimidos, como complicações inuteis, os nomes dos dias e dos mezes. Seria muito mais fácil enunciar: o 330-05 — 330º dia do anno de 1905, do que dizer: segunda-feira, 27 de novembro de 1905. O simples exame do algarismo — 330 — bastaria para que todos soubessem que era um dia feriado como seria todo o numero do dia multiplo de 5, ou terminado em 0 ou em 5.

* *

Essas proposições theoricas teriam pouco valor si não se fundassem numa íntima aspiração dos homens civilisados. Seria pueril tentar substituir as divisões antigas e applicadas, quasi universalmente, por outras medidas de tempo, si estas não tivessem uma razão de ser, si ellas não apresentassem alguma vantagem incontestavel, que se pôde resumir no periodo de cinco dias ser mais curto do que o de sete.

Como o dia de repouso vem após seis dias de trabalho e com a divisão do anno em *quintadas* o dia feriado viria depois do quarto dia, importa examinar si essa diminuição da semana está de conformidade com a tendencia geral das condições do trabalho, do trabalho menor, testemunho de uma civilização melhor.

Nos archivos humanos, verificamos nos costumes dos nossos avós o trabalho sem interrupção, assim como os povos de civilização inferior actual, os quaes trabalham sem repouso; mas, lentamente, ao influxo benefico de idéas religiosas, o salutar principio da tregua necessaria foi observado em todos os pontos do Globo e não é hoje contestado pelo bom senso.

A década foi regeitada por ser um regresso naquella conquista do repouso hebdomadario, por offerecer menor tempo de interrupção do trabalho consecutivo.

Ao contrario, a proposta da *quintada*, semana de cinco dias, tornar-se-á, forçosamente, a medida legal do trabalho ininterrupto, até que uma organização mais aperfeiçoada do mechnismo e das condições sociaes permittam encurtar os prazos de trabalho contínuo.

Exemplo disso é o feriado concedido na quinta-feira aos meuninos das escolas, porque os pedagogos compreenderam que era impossivel exigir dos meninos um esforço cerebral de sete dias consecutivos.

Ad instar do que é habitual nos paizes anglo-saxões, poder-se-ia observar, em França, a terminação do trabalho no sabbado ao meio-dia.

As semanas de quarenta horas de trabalho são, de facto, uma expressão da necessidade, cada vez mais urgente, de obedecer á aspiração do trabalho menor e do menor esforço.

* *

Espiritos timoratos murmuram, deploram essas novas concepções da preguiça do homem; os conservadores de todos os paizes clamam que a sua patria está condemnada a desaparecer si as classes laboriosas não penarem no trabalho incessante; entretanto, assistimos á maravilhosa expansão dos povos anglo-saxões, entre os quaes é menor a duração de horas de trabalho.

Na discussão deste problema, se olvida, quasi sempre, o coefficiente da *qualidade* do trabalho, para sómente considerar a quantidade.

Em virtude de repetidas experiencias, os industriaes norte-americanos demonstraram que, ao cabo de um certo numero de horas, o trabalho effectuado não compensava mais ao patrão, e que seria um bom negocio exigir dos empregados um maximo de esforço durante menor periodo de tempo.

De resto, todas essas considerações especiaes são de ordem secundaria; convém elevar o debate das condições do trabalho e tomar em consideração, ao mesmo tempo, o ensino do passado e as aspirações da humanidade.

E' innegavel que a tensão geral do esforço fornecido pelo homem, na lucta contra a natureza, diminuiu gradualmente em duração contínua, á medida dos progressos da civilização; é impossivel que não succeda o mesmo no futuro. Não menos evidente é que, em consequencia do esmorecimento da fé em um mundo melhor, o homem procura encontrar na terra a sua felicidade, felicidade que, sem duvida, consiste na extincção gradual de todas as obrigações peizadas, que téem gradu-

almente desaparecido como algumas consideradas parte essencial do edificio social—a obrigação de obedecer ao senhor a que o operario ficava inteiramente subordinado como servo ou como escravo, a obrigação de confissões mentirosas, extorquidas á pressão das dôres physicas da tortura, os castigos corporaes e a maior parte dos supplicios, e, em outra ordem de idéas, as obrigações *materiaes* a que os costumes provinciaes, em cada paiz, sujeitavam os habitantes da mesma nação.

As restricções moraes á liberdade de pensar, de falar, de escrever, de publicar opinões, já desapareceram em muitos paizes. E ninguem ousaria sustentar que as conquistas da libertação do espirito são prejudiciaes ao progresso geral da civilisação.

O genio da nossa especie se liberta, pouco a pouco, de todos os dogmas; a idolatria de outros homens, que, na energica expressão de La Boétie, sómente são grandes porque nos estamos ajoelhados, desaparece todos os dias. O poder facticio dos reis e de outras individualidades analogas será, dentro em breve, um facto prehistorico: os deuses são depostos.

LÉON BOLLACK.

(Continúa).

Houve em França, em tempos, a idéa de levantar um palacio com o fim de alojar os soberanos que frequentemente a visitam. Era o *Palacio dos Soberanos*.

Esta idéa, posta em circulação, não deixou de suscitar grandes polemicas. Os deputados da extrema-esquerda acharam que a creação desse palacio era contraria ao espirito de egualdade; os da extrema-direita declararam que um palacio dado de má vontade valia menos que uma humilde choupana offerecida de coração. Outros, mais engenheiros, fizeram notar que o *Palacio dos Soberanos* não podia ser, sem inconveniencia, uma especie de *passé-partout* para uso de uns e de outros, sem distincção de origem e de costumes, mas que devia receber diversas decorações, de accordo com a raça e idade dos que o fôsem habitar; seria incorrecto, por exemplo, apropriar o mesmo quarto de dormir ao Commendador dos Crentes, sultão de todas as Turquias, e ao muito veneravel e piedoso Christiano IX, da Dinamarca.

E, a proposito disso, contou-se a seguinte historia:

Quando o *shah*, pae do actual *shah* da Persia, annunciou, em 1889, a sua chegada em Pariz, foi preciso que alguém se occupasse de achar um abrigo digno do rei dos reis. O funcionario, incumbido disso, fez largamente a coisa. Alugou, nos arredores do Arco do Triumpho, um soberbo hotel, installou ali um regimento de pedreiros e marceneiros que o transformaram completamente, guarneceu-o de admiraveis peças, levou para o hotel dos guarda moveis do Estado bellas obras de arte, e, principalmente por um sentimento de attenciosa cortezia, accumulou objectos que pudessem lembrar a sua alteza Nasser-Ed-Dine, a sua mãe patria: tapetes de mesquitas, almofadas de velhas sedas passadas de oiro, cortinas de crinas indianas e de setins bordados, tamboretos de

madeira rosea, lampadas de cobre do seculo de Mahomet... e uma infinidade de outras coisas raras.

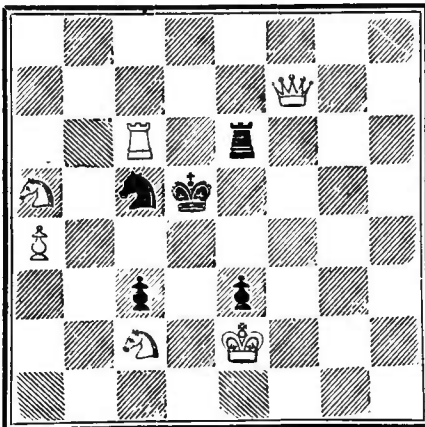
O *shah*, a bem dizer, não prestou grande attenção a essas maravilhas. Installou-se como em sua casa: O funcionario, orgulhoso da sua obra, apresentou-se dois dias depois para se certificar da boa execução de suas ordens. Levaram-no á presença de Nasser-Ed-Dine, a quem desejava apresentar a homenagem do seu respeito. Elle encontrou o augusto hospede da França sentado á mesa do salão (uma mesa de Boule, que pertencera á condessa Du Barry), deante de um prato de costelletas de carneiro, que nadavam em molho pardo. O soberano pegava com os dedos as costelletas, tirava-lhes, com uma dentada, a carne, e atirava innocentemente os ossos impregnados de gordura sobre as pinturas, sobre as flôres do tapete, sobre as rendas antigas, sobre as cadeiras cobertas de velhos gobelinos.

O pobre funcionario comprehendeu o erro que tinha commettido por excesso de zelo. Fugiu espavorido, arrancando os cabellos, a pedir conselho ao seu superior hierarchico. O *shah*, por grande felicidade, abreviou a visita, deixando ao funcionario o trabalho duma exhaustiva limpeza. Os objectos d'arte que elle tinha profanado entraram de novo para as collecções, de onde nunca mais saíram; Nasser-Ed-Dine voltou para a sua bôa cidade de Teheran, sem suspeitar, na innocencia da sua alma, que esteve a ponto de causar a perda de um grande empregado da direcção das Bellas-Artes. E eis porque a França não tem, em duvida, não terá nunca o *Palacio dos Soberanos*.

XADREZ

PROBLEMA N. 16

Em. Pradignat
PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Mate em dois lances.

PARTIDA Nº 16

PARTIDA VIENNENSE

Brancas	Pretas
(Mieses)	(Napier)
P 4 R — 1 — P 4 R	
C 3 B D — 2 — C 3 B R (a)	
P 3 C R (b) — 3 — P 4 D (c)	
P X P — 4 — C X P	
C R 2 R (d) — 5 — C X C	
C X C — 6 — C 3 B D	
B 2 C R (e) — 7 — B 3 R	
P 3 D — 8 — D 2 D	
Roque — 9 — Roque T D (f)	
B 3 R — 10 — R 1 C (g)	
D 5 T R (h) — 11 — B 2 R	
P 4 B R (i) — 12 — P 3 C R (i)	
B X C — 13 — D X B	
D X P R — 14 — B 6 T R (k)	
T 2 B R — 15 — T R 1 R	
D 4 R (l) — 16 — D 2 D	

D 4 B D — 17 — B 3 B R (m)
C 4 R (n) — 18 — T X C (o)
P X T (p) — 19 — D 8 D x
T X D — 20 — T X T x
T 1 B R — 21 — T X T x
D X T — 22 — B X D
R X B — 23 — B X P
R 2 R — 24 — R 1 B
R 3 D — 25 — R 2 D
P 5 R — 26 — P 3 B R ? (q)
B 4 D ! — 27 — B X B
R X B — 28 — R 3 R
P X P — 29 — R X P
P 4 C R — 30 — R 3 R
R 5 B — 31 — P 3 B D
P 4 T D ! (r) — 32 — R 2 D
P 5 T D — 33 — R 2 B
R 4 D — 34 — R 3 D
P 4 B D — 35 — P 3 C D (s)
P 5 B D x ! (t) — 36 — P X P (u)
R 4 B — 37 — P 4 T R
P 3 T R — 38 — P X P
P X P (v) — 39 — abandonam

(a) A melhor resposta. (J.)

(b) Esta continuação é raramente adoptada, e com razão. No ponto de vista strategico, este lance deve ser considerado como um tempo perdido. (J.)

(c) E' illogico abrir ao B adverso uma diagonal, quando este ultimo póde ficar a 2 C R muito tempo sem acção. 3... B 4 B D é preferivel. (J.)

(d) E' indifferente que B 2 C R seja jogado immediatamente ou depois do lance do texto. (H.)

(e) Agora este B occupa uma posição excellente; vêde a nota a 3º lance. (J.)

(f) B 6 T R era melhor.

(g) B 6 T R parece preferivel; o lance do R deve ser feito quando a necessidade é urgente. (H.)

(h) Até aqui as Br. jogaram de uma maneira muito razoavel; agora se lançam em uma aventura cujas consequencias podiam ser funestas. Um lance simples, 11 — T 1 R, por exemplo, teria sido mais prudente. (J.)

(i) Se 12 — B X C, D X B; 13 — D X P R, B 6 T R, atacando a T e ameaçando mate, 14 — P 3 B R, B 3 B R; 15 — D 5 T D, P 3 C D, ganhando na troca. (G.)

(j) Relativamente o melhor; se 12... P X P; 13 — T X P com a facilidade de transportar a T para o lado do roque inimigo. (J.)

(k) A 14... T R 1 R, as Br. teriam a resposta sufficiente 15 — D 5 C D. (J.)

(l) 16 — D 5 C D era muito mais forte.

(m) Ainda téem um ligeiro ataque, graças aos seus dois B, mas é já difficil egualar completamente a partida. (J.)

(n) 18 — B X P x, R X B; 19 — C 5 C D x, não dá nada; as Pr. téem uma boa defesa por... R 1 C, 20 — D 4 T D, B 5 D ! (H.)

Não téem coisa melhor; se 18 — T 1 R ou T 2 R, viria T X B e B 5 D. (J.)

(o) Uma linda combinação pela qual o pião é recuperado ! (H.)

(p) Se 19 — D X T, T 1 R; 20 — D 3 B R, B 5 C R, ganhando o B. (G.)

(q) Isto acarreta a troca dos B. Por 26... P 4 B R, ainda tinham probabilidades de nullidade. (J.)

(r) A manobra decisiva !

(s) Uma posição muito curiosa; se 35... P 4 B D x; 36 — R 4 R, P 3 C D; 37 — P X P, P X P; 38 — P 5 B R, forçando a opposição e ganham. (G.)

(t) Manobra habilissima.

(u) Se 36... R 2 B; 37 — P B X P x, P X P, 38 — P 6 T D, e ganham (G.)

(v) Um bello final. (G.)

(Notas de Gunsberg, Hoffer e Janowski).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 15 (Rev. R. Wright): 1 — D 6 D, ad libitum; 2 — D, C, P mate.

JOSÉ GETULIO.

VIRGO INTEMERATA

I

Ouve !... Este livro é teu como é do lyrio a alvura,
Como a luz é do sol e do perdão é a graça..
Dando-lhe a cada verso uma essencia mais pura,
Por todo elle teu Sêr, immaterial, perpassa.

Nada do que váes ler floresceu na planura
Em que humilde celebrou o nosso amor sem jaça...
Antes, tudo desceu da constellada altura
Onde tu'alma de creança eternamente esvoaça..

Foi uma vóz do Céu... uma vóz de anjo... Ouvia
No isolamento cruel, no silencio de um dia
Desses em que se tem desejos de morrer.

E tudo o que essa vóz disse a minh'alma anciosa,
Ella mesma virá me repetir piedosa,
Quando eu te ouvir, mais tarde, este poema reler.

II

Sempre que o velho mal desta existencia abstraio,
Na muda evocação de um sonho suave e brando,
Surges deante de mim, como que num desmaio
De tintas de oiro, o vulto, ao longe, destacando...

Surges toda de branco, as finas mãos cruzando,
Numa alameda, a errar, pelo Angelus, em maio...
Com tens longos bandós mediévos, recordando
Nossa Senhora vista á luz, brusca, de um raio...

Toda a paz religiosa e todo o extranho aroma
Dos celestes vergéis, de onde tua imagem desce,
Formam-te sobre o vulto a mais clara redoma...

E, de manso, entreabrindo os labios como um lyrio,
Vens piedosa ensinar-me as syllabas da prece
Que torna leve a cruz de meu fundo martyrio....

III

Ao murmurar contigo a suavissima prece
Que nos faz refflorir de lyrios a existencia,
Escuto, dentro em mim, uma vóz que parece
Vir de remotos Céos, nas azas da Innocencia...

Como de altos perdões maravilhosa messe,
Num sereno esplendor de paz e de clemencia,
Essa divina vóz até minh'alma desce,
Inundando-me o Sêr de ontra mais nobre essencia...

Desce... fluctúa... e vem, tranquillada e compassiva,
Cheia do grande amor e graça primitiva
Das Martyres christãs em face do carrasco...

E tamanho é o poder da Fé, que ella proclama,
Que eu tombo, á viva luz de sua ardente chamma,
Como Saulo no pó da Estrada de Damasco...

CASTRO MENEZES.

1905.

LUAR DE NUPCIAS

Do alto, rolando, o luar, em limpida torrente,
A luz açucenal derrama nupcialmente
No thalamo floral da Primavera. Tudo
Vibra de amor: da estrella á gramma de velludo.
O claro céo, arqueando os thezouros que encerra,
Toca de um lado o mar e de outro lado a terra ;
E a terra, por beijal-o, arfa em pausado esforço,
E o mar mira-se nelle e retrata-o no dorso.

Fina e leve, pulsando em lascivo arrepio,
A fina areia leve implora ao manso rio :
«Tua seiva lustral pelos meus póros entre ;
Arrasta sobre mim a prata do teu ventre ;
Leva os meus aureos grãos ás mais longes paragens,
Atravéz do teu curso, errando em tuas viagens ;
Fecunde-me a tua agua, e eu, desbotoando em lindas
Flôres, adornarei tuas margens infindas.»

E, christianamente puro, entre selvas rolando,
O rio diz a areia: «a doce impulso brando
Meus flancos sacudindo, eu quebrarei, que anceo !
Meus beijos de crystal no esplendor do teu seio.»

E a arvore ao vento diz, murmurejando: «enlaça
O meu tronco e sacode-o; entre os meus ramos passa ;
Minhas franças desfolha; aspira o meu aroma ;
Aos teus beijos entrego o verdor desta coma,
Que o teu corpo ignorado ao meu corpo se enrosque.»

«Sou a alma da floresta, o espirito do bosque,
Brisas leves soprai-me», o vivo aroma, lento,
Espiralandando diz e ondeia, largo, ao vento.

E, alagadas de luar, as montanhas; os mares ;
Astros entrecruzando os seus raios nos ares ;
Dos homens a alma varia; a alma ignota das cousas ;
Tudo em que, circumfuso, olhar curioso, pousas ;
Féras, aguias, reptis, e das aguas á flôr,
As flôres; tudo, ao luar, tudo vibra de amôr.

E aqui, na florea paz de um retiro bucolico,
Do meu labio ao alcance o teu labio catholico
Tendo; teu coração, junto ao meu, satisfeito,
Sentindo palpar, como uma ave, em teu peito ;
Sob um doce rumor de velludos rasgados
Entre sussurros, no ar, em distantes noivados ;
Sob a chnva do luar, branca, sonoramente,
Nupcialmente a rolar num anceo envolvente ;
Sob a timida luz dos teus olhos; com estas
Limpas aguas azues e estas verdes florestas ;
Num transporte feliz com penumbras de dôr,
Como tu, sinto o amôr, vibro, soffro de amôr !

(Bosque Sagrado).

LEAL DE SOUZA.

1905.